

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA**

GABRIELA MACIEL ALVES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ADOLESCENTE E A
INFLUÊNCIA DOS RÓTULOS NA MESMA**

CRICIÚMA, JULHO DE 2008.

GABRIELA MACIEL ALVES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ADOLESCENTE E A
INFLUÊNCIA DOS RÓTULOS NA MESMA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau de Psicólogo no curso de
Psicologia da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof^a Esp. Denise Nuernberg

CRICIÚMA, JULHO DE 2008.

GABRIELA MACIEL ALVES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ADOLESCENTE E A
INFLUÊNCIA DOS RÓTULOS NA MESMA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Psicólogo no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa Educação e Cidadania.

Criciúma, 02 de Julho de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Denise Nuernberg – Especialista – UNESC – Orientadora

Prof^a Myrta Carlota Glauche Jaroszewski – Especialista – UNESC

Prof^a Nerilza V. Beltrame Alberton – Especialista – UNESC

DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado a minha mãe Suzana
que foi quem me encorajou a todo o momento,
quem me prestou todo amor, confiança e dedicação
que eu precisava e me ensinou seguir a diante
frente às batalhas do dia-a-dia sem
perder a fé, doçura e alegria de viver.*

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Suzana pelo incentivo e todo auxílio prestado;

Ao meu namorado Israel pela espera, compreensão, amor e carinho nesta etapa;

A minha amiga Deise pelo encorajamento e ombro amigo;

A minha orientadora Denise Nuernberg pela atenção, compreensão, presteza e confiança depositada;

A família do meu namorado Israel pelas expectativas depositadas;

Ao meu pai Orival pelo incentivo;

Ao Marco pela compreensão e auxílio;

E sobretudo a Deus por me suprir em todos os momentos e em todas as minhas necessidades

*“Quem passa pela vida fingindo ser o que não é,
acaba sendo nada mais, que uma sombra que
projeta, uma mentira.”*

(Henrique Julios IV).

RESUMO

O presente estudo intitulado “A Influência dos Rótulos na Construção da Identidade do Adolescente”, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter analítico e exploratório que tem como objetivo Investigar e analisar a repercussão que os rótulos surgidos na Adolescência podem acarretar na construção da identidade e auto-imagem dos adolescentes, observando como a psicologia pode contribuir na atenuação dos problemas gerados. Neste estudo parte-se da premissa que os rótulos criados na adolescência são extremamente prejudiciais à formação da identidade, pois isso poderá afetar a sua auto-imagem e auto-estima consideravelmente, haja vista que este é um período de transição, no qual a identidade está se formando.

Palavras - Chaves: Adolescência. Rótulos. Psicologia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ADOLESCÊNCIA.....	11
3 IDENTIDADE E ADOLESCÊNCIA.....	17
4 RÓTULOS E ADOLESCÊNCIA	28
5 A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NA ADOLESCÊNCIA MARCADA POR RÓTULOS	37
6 CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de intensas transformações na vida do sujeito, nela emergem muitas tribulações, devido à passagem de um período, até então aparentemente calmo, para uma nova etapa turbulenta, composta por muitas transformações tanto físicas quanto emocionais na vida das pessoas. É um período de transição, no qual é comum encontrarem-se muitos conflitos advindos da formação da identidade.

Isso porque no período da adolescência as mudanças biológicas e emocionais firmam uma nova identidade, nesse período o corpo muda sensivelmente e, por conseguinte, o emocional do adolescente também, trazendo elementos novos que até então, eram desconhecidos.

Dentre estas mudanças pode-se elencar o início da escolha profissional; a busca pela autonomia; pelo ingresso na vida sexual; pelos conflitos familiares e de caráter emocional, as transformações orgânicas e as inconstâncias hormonais, entre outros.

Portanto, é um período de construção e reconstrução de identidade, em que se faz presente a emergência de novos papéis sociais e culturais, até a chegada na vida adulta. Sendo válido ressaltar que essa etapa destaca-se por um período, sem idades limítrofes determinadas ao certo quanto ao seu início e fim, em razão da passagem da adolescência para a vida adulta não depender apenas dos aspectos biológicos, mas, envolver muito mais elementos de base emocional e uma maturidade psicossocial. Contudo na grande maioria dos casos, esta se estabelece dos 10 anos até os 20 anos de idade.

O adolescer configura-se como um período marcado por conflitos na vida das pessoas, devido à consolidação de identidade e por ser uma fase em que muitos problemas relacionados à auto-estima e auto-imagem podem emergir. Por isso, a utilização de rótulos surgidos nesta fase pode influir significativamente de maneira negativa na construção da identidade deste futuro adulto.

O rótulo neste contexto compreende a visão distorcida que um sujeito lança sobre o outro, que o oprime e é aplicada sem o seu consentimento, firmada por julgamentos superficiais, sem fundamentos reais, que apesar de serem falsos, estigmatizam emocionalmente sua vítima.

É diante destas considerações que o presente estudo possui como eixo norteador o seguinte questionamento: **Quais as conseqüências emocionais que os rótulos podem acarretar na construção da identidade e auto-imagem dos Adolescentes?**

Como premissa a este questionamento, a presente pesquisa entende que os rótulos criados na adolescência são extremamente prejudiciais à formação da identidade do adolescente, pois isso irá afetar a sua auto-imagem e auto-estima consideravelmente, haja vista que este é um período de transição, no qual a identidade está se formando.

Por conseguinte, o presente estudo objetiva de maneira geral investigar e analisar a repercussão que os rótulos surgidos na Adolescência, podem acarretar na construção da identidade e auto-imagem dos adolescentes, observando como a psicologia pode contribuir na atenuação dos problemas gerados.

Bem como, ainda são pretensões deste estudo: caracterizar a Adolescência; compreender como os rótulos manifestam-se na Adolescência; elencar os problemas emocionais gerados no processo de rotulação; pontuar as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes no que se refere a percepção distorcida de si quando acometidas de rotulação; ressaltar a participação da família e profissionais da educação quanto ao reforço intrínseco e inconsciente dos rótulos no âmbito das inter-relações do adolescente.

Para dar conta desses objetivos optou-se metodologicamente pela pesquisa bibliográfica, haja vista que ela abrange várias visões do problema pesquisado numa abordagem exploratória, pois esta permite ao pesquisador pontuar suas inferências e conhecimentos sobre o tema, o que na atividade profissional do psicólogo torna-se essencial.

Estruturou-se a pesquisa em seis capítulos dos quais se destaca primeiramente, as notas introdutórias, assim como o problema de pesquisa e os objetivos do estudo e a metodologia adotada, para então, partir-se para o referencial teórico, que no capítulo dois discute a “adolescência” e suas características, no capítulo três apresenta-se a “identidade”, assim como a sua formação na adolescência. Posteriormente, no capítulo quatro, apresenta-se uma revisão teórica sobre os “rótulos” e suas conseqüências, seguido do quinto capítulo que discute a psicologia e sua contribuição. Por fim, no sexto capítulo apresenta-se a conclusão do estudo, na qual se acredita corroborada a premissa e os objetivos alcançados.

2 ADOLESCÊNCIA

A adolescência possui algumas ambivalências quanto à definição de sua extensão, por isso, a maioria dos teóricos a descrevem como fase intermediária entre a infância e a fase adulta, ou como etapa de desenvolvimento, desencadeada pelo surgimento das transformações orgânicas da puberdade que é encerrada através do amadurecimento psicossocial.

Esta fase do desenvolvimento é bastante caracterizada por fatores como: as chamadas crises de identidade pela transição da infância à maturidade juvenil; o início da escolha profissional; a constante busca por autonomia; pelo ingresso na vida sexual; pelos comuns conflitos familiares e de caráter emocional, as famosas transformações orgânicas e inconstâncias hormonais, associadas a uma nova compressão de mundo que se alia à necessidade da representação de novos papéis e responsabilidades do jovem na sociedade, como sujeito desejante e portador de conceitos próprios da realidade e ainda, principalmente pela reconstrução e formatação da identidade.

Parece que a duração da adolescência pode ser razoavelmente definida em termos de processos psicológicos, em face das limitações no emprego de outros elementos. Segundo esta estrutura de referência, a adolescência começa com as reações psicológicas do jovem a suas mudanças físicas da puberdade e se prolonga até razoável resolução de sua identidade pessoal. Para alguns, o processo de maturação sexual pode começar na primeira década da vida e, para outros, jamais se conseguirá um firme senso de identidade pessoal. Entretanto, para a maioria das pessoas jovens, estes eventos ocorrerão principalmente entre as idades de 11 e 20 anos, que limitam a fase da adolescência. (CAMPOS, 1998, p. 15).

Segundo Tiba (2005) as crianças hoje estão adolescendo, cada vez mais cedo, e entrando na fase jovem - adulto ainda mais tarde. Essas expansões para menos idade e mais idade são novidades psicológicas, familiares, culturais, sociais. A maioria dessas crianças emancipadas para adolescência, ainda nem passaram pela puberdade encontrando-se na faixa de 08 a 12 anos.

Estas “crianças” são bastante independentes e precoces para sua idade e costumam imitar os adolescentes, consomem produtos usados por eles, acham as outras crianças de sua idade “chatas” e se envolvem em pequenos grupos de semelhantes com quem se comunicam intensamente via internet e celular, argumentam com propriedade e possuem certo ar de dominador devido aos constantes estímulos que vivenciam. (TIBA, 2005).

Para Papalia, Olds & Feldman (2006) a adolescência dura aproximadamente 10 anos, dos 11 (onze) até pouco antes até depois dos 20 anos, considerando o fato de que seu

início e término não podem ser claramente definidos atualmente. No entanto, considera-se que o início do adolecer se dá com a entrada na puberdade, processo que conduz a maturidade sexual ou fertilidade, ou seja, a capacidade de reprodução.

O cuidado com um delinear do início e término da adolescência, pode ser bastante relevante, e até o século XX, as crianças das culturas ocidentais se deparavam com o mundo adulto, quando amadureciam fisicamente ou apenas quando iniciavam um aprendizado vocacional, e hoje, o ingresso na idade adulta leva mais tempo. E em virtude disso, devem-se levar em consideração o contexto que envolve o amadurecimento do adolescente sempre que se fizer menção a sua durabilidade. (TIBA, 2005).

Papalia, Olds & Feldman (2006) enfatizam que uma das razões da puberdade começar mais cedo do que antes, pode estar ligada a entrada na vida profissional que tende a ocorrer mais tarde, por causa da sociedade que atualmente exige períodos mais longos de educação ou treinamento profissional para que o jovem possa assumir responsabilidades adultas.

Dá-se o nome de **adolescência** ou **juventude** à fase caracterizada pela aquisição de conhecimentos necessários para o ingresso do jovem no mundo do trabalho e de conhecimentos e valores para que ele constitua sua própria família. A flexibilidade do critério, que nos pode levar a categorizar alguém com vinte e cinco anos como adolescente e alguém com quinze como adulto [...]. (BOCK; FURTADO & TEIXEIRA, 1999, p. 294).

Campos (1998) esclarece que delimitar a adolescência não é uma tarefa muito fácil, em razão dos fatores biológicos específicos, atuantes na faixa etária, se somarem as determinantes sócio - culturais, advindas do ambiente em que o fenômeno da adolescência ocorre. Ou seja, o adolescente não apenas está vulnerável aos efeitos das transformações biológicas corporais, mas, também as mudanças vividas no mundo moderno, do progresso científico, da tecnologia, das comunicações, das novas aspirações humanas e rápida evolução social, que se estabelecem em seu dia-a dia e compõem sua construção como sujeito.

E são estes aspectos que virão a determinar grande parte da identidade deste jovem, e a maneira dele se posicionar diante da vida, de uma forma muito pessoal, e indicarão o momento em que ele estará apto ou não para adentrar no estágio de jovem adulto ou adulto.

Tiba (2005) menciona que assim como a infância constitui-se por etapas, a adolescência possui as suas, tanto no sentido psicossocial do adolecer, como no que se refere às mudanças biológicas, destacando-se entre elas; a confusão pubertária, o estirão, menarca, mudança de voz e onipotência juvenil.

Para Campos (1998) o termo puberdade como derivado de *púbis*, que diz respeito a cabelo. Assim, pubescente significa criar cabelos ou tornar-se cabeludo. Entretanto,

usualmente não é esta a qualificação que se deseja empregar a este termo, mas sim, o simples fato do início do processo de maturação sexual.

E esta maturação sexual caracteriza-se por fatores como: a ovulação nas garotas, a espermatogênese no rapaz, as modificações no funcionamento das glândulas endócrinas, o aparecimento das características secundárias nas jovens como, o desenvolvimento dos seios que aparecem antes dos pêlos do púbis e pela voz delas que se aprofunda um pouco durante o adolescer. Ao passo que, para os rapazes o primeiro indício de maturação sexual é notado através do acelerado crescimento dos órgãos sexuais e também por características secundárias como, a aparição de pêlos pubianos, a barba e a típica transformação da voz, bem como o aumento da estatura. (CAMPOS, 1998).

As diferenças físicas e o início das possibilidades (através da menstruação e da ejaculação) de uma vida sexual, absorvem metade do tempo das atenções dos adolescentes. A estranheza de ver seu corpo dia-a-dia se modificando, ora com novos pêlos, ora com espinhas, alongamento dos braços e pernas, nariz e boca mais carnudos e sensuais, perdendo passo a passo todas as características infantis para portar desajeitadamente um físico semi-adulto, além das expressões internas hormonais e sexuais bastante intensas, é difícil inibitória para o jovem. (ZEK CER - org, 1985, p. 33).

De acordo com Berger (2003) além de a adolescência começar em meio as alterações físicas da puberdade, ela capacita o jovem a transcender do pensamento concreto para o pensar abstrato e hipotético. Havendo em paralelo, mudanças psicossociais voltadas aos pais, à nova independência com amigos, nova intimidade com a compreensão de si. Sendo estas transformações precursoras da vida adulta, no qual o tornar-se adulto, não é uma questão de proporção de intelectualidade, mas sim, de maturidade social.

Mudanças cognitivas levam os adolescentes ao pensamento abstrato, a refletir mais sobre “o que deveria ser”, “o que poderia ser”, do que sobre “o que é”. Refletir sobre algo e fazer conjecturas a respeito do futuro deixam de ser atitudes estranhas para eles, que se sentem cada vez mais inclinados a especular e imaginar. Na medida em que fazem, suas emoções se conectam mais intimamente a seus pensamentos. (ELIAS; TOBIAS & FRIEDLANDER, 2001, p. 65).

Zagury (1996) pontua que em ambos os sexos ocorrem um avanço no desenvolvimento intelectual em que se torna evidente o raciocínio hipotético – dedutivo, que auxilia em generalizações mais rápidas e no entendimento de conceitos abstratos. E em razão desta independência intelectual, surge certa rebeldia, relativa a autoridades em geral, que pode ser facilmente justificada pela nova habilidade de reflexão questionadora e formadora de opiniões.

Tiba (2005) afirma que, as características psicossociais, não são como as biológicas que tem a época de emergir, mas, vão se determinando à medida que o adolescente se depara com a resolução de conflitos. Sendo este, um momento em que há o típico afastamento do jovem de sua família, devido ao seu engajamento em inserir-se em grupos sociais.

Fenwick & Smith (1996) vêm ao encontro desta idéia de que os adolescentes à medida que amadurecem, vão se desinteressando pelas atividades da família, dos programas de final de semana e querem ficar, cada vez mais, com os amigos, ressaltam que esta fase pode ser bastante conflituosa. Pois, apesar de haver pais que compreendem este processo, como uma atitude que marca o fim da infância, o que de fato é real, existem aqueles que vêem isso, como uma ameaça a estrutura familiar, apesar de não haver nada de pessoal nesta “rejeição”, e o adolescente estar simplesmente afrouxando os laços familiares, para ampliar a sua maneira de interagir com o outro.

Essa desvinculação não é uma rejeição da família, mas uma resposta as necessidades de desenvolvimento. Adolescentes jovens costumam-se retirar-se para seus aposentos; parecem precisar ficar sozinhos para fugir das demandas dos relacionamentos sociais, para recuperar a estabilidade emocional e para refletir sobre questões de identidade (LARSON, 1997 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006, p. 494).

Esta postura do adolescente significa apenas, a busca por ascender na aquisição e no andamento das inter-relações, pois, inicialmente na fase infantil seus laços afetivos, amizades e sua forma de se relacionar eram basicamente intermediadas e até mesmo definidas pelos pais. Nesta etapa é chegada à hora da própria tomada de decisões, de conquistar espaço e vínculos próprios, de selecionar e buscar integrar-se a grupos condizentes com os novos ideais e expectativas que se fazem presentes. E é por isso, que neste período há esse movimento de buscar tornar-se, ou até mesmo, “transformar-se” em apto para compartilhar de determinados grupos escolhidos como ideais. O que torna perfeitamente compreensível o porquê, das constantes mudanças radicais de vestimentas, linguagem, gosto musical e de posturas diversas no dia-a-dia. (FENWICK & SMITH, 1996).

Ao passo que, para Zagury (1996) o andamento do desenvolvimento físico e externo dos adolescentes, segue em conjunto com as modificações de nível social que os envolve, em que se estabelece a típica tendência de imitação de vestimentas e atitudes por parte dos jovens, motivada pela busca de pertencer a um determinado grupo social, ou se identificar com uma determinada classe de pessoas.

No aspecto afetivo, o adolescente vive conflitos. Deseja libertar-se do adulto, mas, ainda depende dele. Deseja ser aceito pelos amigos e pelos adultos. O grupo de

amigos é um importante referencial para o jovem, determinando o vocabulário, as vestimentas e outros aspectos de seu comportamento. Começa a estabelecer sua moral individual, que é referenciada à moral do grupo. Os interesses do adolescente são diversos e mutáveis, sendo que a estabilidade chega com a proximidade da idade adulta. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1999, p. 106).

Carvalho, Salles & Guimarães (2003) evidenciam que neste período de maturação psicológica, biológica e social, se estabelece a aquisição de novas capacidades cognitivas, responsabilidades e a inserção do jovem em novos papéis sociais, que se tornam mais evidentes. E em função disso são afloradas exigências e expectativas de familiares, amigos e da própria comunidade sobre o adolescente, que se exercidas sob condições positivas e apropriadas, podem instigar o desenvolvimento gradual de autonomia, que poderá vir a facilitar a apropriação da fase adulta deste jovem.

Hall (2001) descreve que atualmente a imagem de cidadão vem se definindo por comportamentos mais conectados ao consumo, tendo como alvo principal o público adolescente, os quais são intensamente instigados ao consumismo e ao distanciamento dos reais apelos e desejos comunitários. E em torno desta condição atual, os adolescentes vêm aderindo um posicionamento mais reivindicatório e narcisista, que se dirige apenas a busca de auto-satisfação cuja extensão social não vai além de suas amizades.

Segundo Carvalho, Salles & Guimarães (2003) a adolescência não se define apenas como transição entre a infância e a fase adulta, mas, como uma das etapas de desenvolvimento. Suas transformações corporais são causadoras de grande impacto na formatação da compreensão da auto-imagem corporal do adolescente, e podem ser influenciadas por experiências anteriores, que o levaram a se compreender, como uma pessoa atrativa ou não, forte ou fraca, masculina ou feminina, e a aderir uma percepção de si mesmo em alguns casos contraditória a existente.

Portanto faz-se necessário advertir aos adultos, que estes possuem enorme influência na construção de auto-imagem e apropriação de identidade do adolescente. E que muitas vezes aqueles que se intitulam adultos, é que acabam julgando os adolescentes sem capacidade de autonomia ou de desenvolver orientações a partir de si mesmos, impedindo-os de deslanchar e apresentar suas próprias construções e subjetividade. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003).

Aborrescência é a adolescência tumultuada, que incomoda os pais. Acostumados a lidar com filhos crianças, os pais agora tem que se reorganizar perante os adolescentes, os pais também podem ser os “aborrecentes” dos filhos. É necessário que os pais adolesçam (rejuvenesçam) junto com seus filhos adolescentes (crescentes). (TIBA 2005, p. 42).

Isto ocorre quanto se cria antecipadamente estereótipos, negando-os o direito de fala e pouco se levando em consideração o que eles têm a dizer, por entendê-los como imaturos demais para a compreensão de algo, que muitas vezes, já está ao alcance do seu entendimento, e acabam por inúmeras vezes, criando possivelmente inconscientemente, caricaturas que são incorporadas por eles e passam a ser aderidas como uma marca de auto-reconhecimento, traduzidas em estigmas que formam ou deformam sua identidade. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003).

Ao proporcionar ao jovem a capacidade de expressar seu ponto de vista, seja de concordância ou desacordo, lhe é concedida à possibilidade do desenvolvimento de sua autoconfiança, auto-estima, responsabilidade, o que o ajuda a se descobrir por meio do ato de defender suas idéias, seus próprios posicionamentos, pois, tais escolhas e suposições exigirão deste, escolhas, reflexão, evidenciando suas crenças e ideologias pessoais, de maneira que este jovem venha a diferenciar-se do coletivo e venha a se definir como tal. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003).

“[...] O jovem estabelece sua identidade como um indivíduo enquanto mantém suas antigas conexões com elementos significativos do passado, formando novas ligações com os valores de um determinado grupo (O grupo pode ser um grupo de colegas, um grupo étnico, um time, um culto, uma turma ou algum grupo. O aspecto crucial é que todo adolescente de certo modo se identifica com um grande número de indivíduos)”. (BERGER, 2003, p. 325).

Portanto, pode-se concluir que os adolescentes possuem como referências, adultos, colegas, pai, mãe, educador, irmãos mais velhos ou mais novos, que o ajudam a se auto-organizar, reconhecer e por fim localizar-se no contexto social, psicológico e até mesmo biológico. Eles passam por inúmeras inconstâncias e desafios, que não se restringem simplesmente ao abandono de atributos infantis, mas, dizem respeito a toda uma nova posição existencial, ao experimentar das desconhecidas emoções, capacidades de reflexão, interação social e sobretudo de reestruturação da concepção que possuem de si, pautada em suas novas habilidades, as quais virão a definir sua auto-imagem e noção de identidade própria.

3 IDENTIDADE E ADOLESCÊNCIA

Identidade pode ser considerada a noção de individualização do sujeito do “outro”, e do espaço como “um só”, em que emerge o sentimento de delimitação do saber “quem sou eu”, “a que grupo pertence”, e a noção de que “não sou” mais apenas uma extensão de outro, mas, sim portador da minha própria subjetividade.

Ela possui como referência a adolescência como ponto crucial para a sua discussão e construção, em virtude dos constantes questionamentos e necessidades, ocorrentes aos jovens nesta fase de reconfigurações de novos papéis sociais e individuais, que lhes são atribuídos neste período de desligamento da fase infantil e preparo para a vida adulta que se segue.

O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos as identidades particulares. (HALL, 2001, p. 55-56).

Segundo Lacerda & Lacerda (1998) somos compostos por uma Identidade biológica e psicológica. Reportam-se à identidade biológica pelo fato de que, cada pessoa possui impresso um código genético exclusivo, que o define como ser único entre todos os demais, o DNA nos cromossomos de suas células, no qual, ficam registradas qualidades físicas dos pais, como altura, cor da pele e dos olhos, resistência óssea e assim por diante. Isso é definido para sempre no próprio momento da concepção. Já a identidade psicológica é considerada resultante da evolução da auto-imagem, originada por identificações de modelos que se fizeram presentes desde o início como: pais, irmãos, parentes próximos, professores entre outros, que por acaso tenham mediado esta construção.

Identidade pode ser concebida como processo resultante de uma construção social, de uma construção pessoal e de uma construção na interação do nível pessoal com o social, sendo assim, ao mesmo tempo algo proposto socialmente e algo reivindicado pessoalmente... Ela é, na nossa concepção, uma construção realizada tanto no outrem como no para si mesmo, tendo por resultado sempre uma “costura”, de uma parte, entre o que é “herdado” e o que é “almejado” e, de outra parte, entre o que é “atribuído” e o que é “assumido”. Trata-se de uma “costura” feita de agulhas e do “tempo” e do “espaço”. (FOLLMAMM, 2001, p. 59).

De acordo com Lacerda & Lacerda (1998) parte da identidade se estabelece com a descoberta do próprio sexo: homem ou mulher, para além dos traços primários (genitais) e secundários (voz, pêlos, desenvolvimento de quadris e mamas) que tornam evidentes as diferenças de sexo e auxiliam não apenas na definição da sexualidade, mas, também na

representação mental, que o adolescente faz de si, que podemos chamar de esquema corporal. Entretanto, o meio em que se inserem influencia inegavelmente na formação dessa auto-imagem. Apesar de o sexo ser, um dado biológico, a cultura ambiental pode interferir e até mesmo criar confusões a respeito do comportamento adequado que lhe responda: uma coisa é o que o adolescente é, outra como se comporta, já que este se apresenta no auge da sua definição e experimenta múltiplos eus.

Identificar-se como um ser sexual, reconhecer a própria orientação sexual, conciliar-se com as excitações sexuais e formar vínculos românticos ou sexuais, tudo isso faz parte da formação da identidade sexual. Essa consciência urgente da sexualidade é um aspecto importante da formação da identidade, influenciado profundamente a auto-imagem e os relacionamentos. Embora esse processo seja conduzido biologicamente, sua expressão é, em parte, culturalmente definida. (PAPALIA & OLDS, 2003, p. 438).

Bock, Furtado & Teixeira (1999) afirmam que a denominação identidade, possui várias expressões e destaca a definição de algumas áreas, como a do antropólogo e educador, Brandão (1986) que aplica o termo identidade como sentimento pessoal e a consciência da posse de um *eu* e de uma realidade individual que torna cada sujeito único diante de outros *eus*. “A referência do autor ao eu em oposição aos outros eus, leva-nos a considerar algo bastante importante: é a relação a um outro – diferente de nós – que nos constituímos e nos reconhecemos como sujeito único“. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1999, p. 203).

Esclarecendo melhor, a identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhes reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado. (OSÓRIO, 1992, p. 15).

Bock, Furtado & Teixeira (1999) destacam que várias correntes da psicologia, inclusive a psicanálise, afirmam que o reconhecimento do *eu* se dá no instante em que se aprende a diferenciar-se do outro. De maneira que o sujeito passa a ser alguém quando descobre que há o outro, e, a falta deste reconhecimento (do outro) não permitiria a noção de entendimento de si. Pois, não haveria elementos para comparação que dessem subsídios para o sujeito se destacar dos outros “eus”. Sendo assim, é possível a afirmação de que, na identidade, o igual a *si mesmo*, depende da sua diferenciação do *outro*.

Porém, Muszkat (1986) adverte que para Jung, “identidade se define de maneira diferente a esta visão, como uma igualdade psicológica de caráter inconsciente”, pela qual não existe diferenciação “Eu –Tu”, portanto, é de caráter coletivo. Ele sugere a existência de um

material inconsciente herdado de um patrimônio coletivo (arquétipo), comum a povos ou épocas anteriores dos quais tiramos e delegamos sentidos e significados.

A construção da identidade dos adolescentes é contraditoriamente uma identidade individual e uma identidade coletiva. O adolescente precisa do grupo que precisa do adulto, precisa de referências; mas ele precisa diferenciar-se, construir sua própria identidade. Tornar-se adolescente é viver cercado por profundos conflitos. Novos e diferentes ritmos, tempos, espaços, presença na sociedade e na cultura. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003, p. 37).

Follmamm (2001) sugere que o termo identidade pode ser definido como resultado da tentativa da busca pela coerência lógica das experiências vividas e aquilo que se tem como objetivo.

Identidade é o conjunto, em processo, de traços resultantes da interação entre os sujeitos, diferenciando-se e considerados diferentes uns dos outros ou assemelhando-se e considerado semelhantes uns aos outros, e carregando em si as trajetórias vividas por esses sujeitos, em nível individual e coletivo e na interação entre os dois, os motivos pelos quais eles são movidos (as suas maneiras de agir, a intensidade da adesão e o senso estratégico de que são portadores) em função de seus diferentes projetos, individuais e coletivos. (FOLLMAMM, 2001, p. 59).

Ao passo que para Claes (1985) a identidade do “eu” apela, para a reunião de elementos, pelos quais “eu me reconheço”, diferenciando-me daqueles “que não se parecem nada comigo”, pois, são diferentes daquilo que se crê ser. “Identidade é, resumidamente, a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como um *ser no mundo*”. (OSÓRIO, 1992, p. 14).

De acordo com Berger (2003) no processo de cristalização de um “eu” consistente, os adolescentes transitam em várias tentativas de “eus” possíveis, ou seja, várias percepções de quem são em diferentes grupos e lugares, ou, do que poderiam se tornar. Esta postura é perfeitamente natural e notável. Tanto que muitos jovens percebem o quanto são afetados, por mudanças de lugar e circunstâncias, transformando-se desde conservadores a arruaceiros, de hostis a colaboradores, e em razão destas inconstâncias e desses seus múltiplos “eus” mergulham na incógnita de quem será o seu verdadeiro “eu” e se deparam com as famosas crises de identidade.

Para Bock, Furtado & Teixeira (1999) estas variações ocorrem por diversas vezes de maneira bastante turbulenta e confusa e dão vazão as chamadas crises de identidade, que podem ser consideradas como tendo, um certo grau de importância nas possíveis definições que virão a ser feitas, já que levam a pessoa a buscar conscientemente ou não, a retificar seu modo de ser e estar, o que é característico desta fase de transição da infância para a juventude,

que ocorre independente da vontade do sujeito, proporcionada pelas variadas mudanças em todos os níveis possíveis.

O adolescente quer, e tem emergência nesta fase de definir e saber a que veio ao mundo, quer entender o “para que da vida” e mais, quem ele mesmo é, qual o seu potencial e papel, dentro da sociedade. (LACERDA & LACERDA, 1998).

Segundo Sprinthall & Collins (2003) se há alguma idéia de identidade que seja quase universal e há alguém que domina amplamente este conceito é Erik Erickson, no que se refere ao desenvolvimento da identidade da adolescência. Pois, este reconstituiu as idéias tradicionais acerca da natureza da adolescência. Ele desviou-se da condição que se referia à elaboração do plano de desenvolvimento emocional baseado exclusivamente em aspectos patológicos, em que a normalidade era designada pela falta de patologia. Ao passo que sua teoria apóia-se sob o conceito de *epigénese*. Termo que traduz pelo fato do crescimento psicológico ser desenvolvido via estágios e fases que se dão em meio a crise da adolescência.

Tardeli (2007) descreve que Erickson formulou oito etapas de desenvolvimento humano, em que cada uma o indivíduo tem que superar uma tarefa psicossocial. As quatro primeiras se reportam a infância, o quinto estágio faz menção à adolescência e as outras três etapas voltam-se ao desenvolvimento adulto. Esta quinta etapa é configurada pela fase de reformulação de identidade frente à confusão de papéis. Estágio este em que Erickson, fundamenta a idéia de que a crise de identidade conduz ao amadurecimento do adolescente em meio de suas resoluções.

É importante entender que o termo crise, adotado por Erickson, não é sinônimo de catástrofe ou desajustamento, mas de mudança; de um momento crucial no desenvolvimento onde há a necessidade de se optar por uma ou outra direção, mobilizando recursos que levam ao crescimento. É no período da adolescência que o indivíduo vai colocar em questão as construções dos períodos anteriores, próprios da infância. Assim, o jovem assediado por transformações fisiológicas próprias da puberdade precisa rever suas posições infantis frente à incerteza dos papéis adultos que se apresentam a ele. (TARDELI, 2007, p. 3).¹

Osório (1992) destaca a crise de identidade como necessária e natural ao desenvolvimento da identidade, pois esta etapa confere ao sujeito uma maior apreensão do acúmulo de experiências e uma definição mais adequada dos objetivos destes jovens. Ela possui esta denominação porque vem desacomodar o adolescente da sua postura estagnada e confortável de apenas reproduzir atitudes e pensamentos, para exigir uma postura individual, que melhor se empregue a sua atual condição de maturidade.

1 <http://www.adolescenza.org/lepre1.pdf>. Acesso 04/05/08.

E é por meio desta “desestabilidade” que demanda um novo agir, criado o espaço necessário para definição do que pertence a si, através de experiências particulares, que virão a firmar convicções próprias, pelo simples ato deste adolescente perceber-se responsável pelos resultados de suas ações, e que estas poderão repercutir em decisões para “uma vida toda”, e até mesmo agregar-se a sua identidade. O que em um primeiro momento causa certo desconforto e apreensão, já que poderão definir o que “são” e/ou virão a “ser”.

A adolescência é, pois, um regenerador vital no processo de evolução social, pois, a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu o seu significado. (ERICKSON, 1987, p. 134).

Sendo assim, a adolescência está integrada a crises vitais que geram a necessidade de reflexões, que por sua vez, levam a conquista de novas maneiras de se colocar frente às situações, e a avaliação das formas de estabelecer-se nas relações e situações presentes, em que o jovem precisa se reorganizar porque posturas antigas já não servem. Ou seja, esta crise da adolescência é tão natural quanto as que ocorrerão pelas rupturas e reformulações das fases iniciais da vida como o desmame e outras, que também causaram suas “crises”. (OSÓRIO, 1992).

No entanto, é notório que os adolescentes não estão sujeitos apenas à crise como forma de reorganização positiva ao desenvolvimento, há casos que refletem no real significado do termo crise, empregado pelas dificuldades e conflitos de assumir uma identidade. A sociedade moderna, possui constantes mudanças em seu contexto e estruturas, diluindo os conceitos de base até então delineados, pelos quais se buscava sustentar pelo menos, a definição de identidade conceitual. De modo que o termo crise corresponde a sua verdadeira conotação de dificuldade; em muitos casos de aquisição, ou melhor, incorporação de uma identidade em razão das dificuldades apresentadas, diante do próprio conceito de estar cada vez mais volátil, trazendo implicações ainda maiores quanto a sua compreensão e apropriação. (HALL, 2001).

Em essência o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2001, p. 07).

Conforme Lacerda & Lacerda (1998) o adolescente passa esta fase fazendo testes com a vida que desconhece, com o “eu” ainda mais desconhecido. Em que suas percepções não se apegam mais tanto ao passado. E é justamente por ainda não terem configurado seu próprio eu, fiel e condizente as suas convicções ainda não delineadas e estarem na condição de estruturação como sujeitos, que muitas vezes, ocorrem às tomadas de decisões incongruentes ao próprio eu que se definirá mais à frente.

Para Bock, Teixeira & Furtado (1999) é por isso que por diversas vezes, estes se entregam ou para ideais imaturos, sonhadores e fantasiosos, ainda distantes da realidade e incoerentes com aptidões próprias, ou voltam-se as influências dos papéis até então idealizados e admirados, mesmo que estes venham a se contrapor aos seus verdadeiros anseios. Em que, já temerosos pela incerteza do que realmente desejam, cedem as pressões, re-configurações e projeções de modelos considerados muito marcantes. É claro que a imitação de modelos é uma maneira de aprendizagem marcante e comum de agregar características próprias, mas, alguns adolescentes fazem mau uso dessa tática, pois, acabam por definir uma personalidade apenas projetiva, identificando-se com seus maiores, em vez de desenvolverem o seu próprio modo de ser.

E assim, acabam buscando sobreviver e disfarçar sua própria inabilidade e fraqueza, fingindo ser o que todos esperam que ele seja, aquele tipo geralmente mais aceito como padrão de gente realizadora e feliz.. E “para isso, representa papéis, ora um, ora outro, tateando no emaranhado da confusão e escuro da desinformação, na esperança, de repente, de encontrar a trilha segura para o seu verdadeiro lugar”. (LACERDA & LACERDA, 1998, p. 34).

Em função disso, segundo Berger (2003) para que haja uma escolha mais fidedigna e condizente ao adolescente, muitas vezes, é necessário que este se permita viver uma espécie de moratória, no andamento da busca de si mesmo, em que está para decidir a direção que deverá tomar ele próprio em seu processo de encontro com a maturidade. No qual, moratória significa nada mais do que uma espécie de suspensão no tempo, em que estes jovens experimentam variadas identidades sem tentar se firmar em nenhuma delas, como maneira de investigar a que será mais apta de incorporar e a tomam como sua.

Sendo assim, é importante que fique claro, que a identidade permanece em constante construção e que à medida que surgem novas experiências, aparecem novas referências com as quais vamos reconfigurando e ajustando; reforçando assim, os alicerces de base de “nossa” identidade em novos conceitos, que aparecem via novas percepções de realidade e circunstâncias atuais.

A adolescência pode conceber-se com um período de moratória psicossocial durante o qual o indivíduo pode encontrar um lugar num certo setor da sociedade. Na medida em que o encontra, o jovem vai conciliar a sua concepção de si e o reconhecimento da comunidade adulta. (ERICKSON apud CLAES, 1985, p. 160).

Lacerda & Lacerda (1998) enfatizam que justamente pelos adolescentes buscarem apoiar-se em modelos como referência para se auto-definirem, é de extrema relevância estar atento aos grupos, sistemas familiares e escolares, e as pessoas consideradas significativamente próximas dos jovens, pois com certeza estes virão a direcionar grande parte do estabelecimento de identificações, ou ainda, da apropriação da identidade.

Os autores levantam também, outros dois elementos de extrema relevância, o primeiro é a percepção de que, no processo de construção e identificações à falta de parâmetros, pode vir a estabelecer uma identidade “negativa”, na qual os adolescentes se “conformam” com a falta de sentido e voltam-se para modelos desviantes, delinquentes, por não encontrarem propostas atraentes, em sentido de educação e moralidade, compensando-se na rebeldia contra a sociedade, supostamente culpada pelo seu sofrimento e frustração com as circunstâncias em que se encontram até então. E o segundo é que na ânsia de se definir e amadurecer, estes podem apresentar identidades provisórias, de uso transitório e circunstancial, surpreendendo-nos com comportamentos bastante adversos aos de costume em que tomam atitudes que até então, eram consideradas descabidas por eles mesmos.

Alguns adolescentes por julgar que os papéis que seus pais e sociedade esperam que eles ocupem são inatingíveis ou desinteressantes, até agora e não conseguiram encontrar papéis alternativos que sejam verdadeiramente deles. Os adolescentes nesta posição podem então adquirir uma identidade negativa, ou seja, uma identidade oposta àquela que esperavam que adotasse. (BERGER, 2003, p. 326).

Segundo Rosa (1985) a família vem a contribuir em grande extensão na construção de identidade do adolescente. Pois, ela possibilita a este jovem ter uma certa noção de como agir em suas inter-relações, tanto no campo das emoções, quanto no seu próprio agir e se relacionar com o outro. Ela é quem fornecerá valores, significados, as primeiras noções de como lidar com as frustrações do dia-a-dia, os sins e não, o como se comportar e interagir, o como lidar com sentimentos e suas formas de expressão e com o que se espera dele.

É a família, portanto, que prepara o adolescente para a vida na sociedade em geral, que vai indicar as suas necessidades fundamentais, transmitir-lhe as sanções culturais estabelecidas, as quais possuem como referência, e irá prepará-lo em conjunto com outras instituições, para o exercício eficiente de suas funções adultas. (ROSA, 1985)

Para Lacerda & Lacerda (1998) a missão de se reconhecer é facilitada quando os pais, professores, ou até mesmo outras pessoas próximas, que servem como referência, demonstram uma personalidade bem definida, de idéias claras e propósitos concretos.

A não ser em casos excepcionais, o primeiro grupo social do qual fazemos parte é a família, exatamente quem nos dá nosso nome. Nosso primeiro nome (prenome) nos diferencia de nossos familiares, enquanto o último (sobrenome) nos iguala a eles. Diferença e igualdade. É uma primeira noção de identidade. (LANE & CODO, 1984, p. 63).

Porém, é visível que nesta etapa os jovens e os demais membros da família tendem a viver de maneira mais conflitante. O que pode ser facilmente remetido a possíveis dificuldades dos pais de admitir ou talvez se acostumarem com tamanhas mudanças, que são “repentinas” aos “seus olhos”, e a idéia de que seus filhos não são mais suas crianças dependentes e admiradoras de seus “heróis”. (ROSA, 1985).

Criar filhos requer antes de tudo uma inesgotável capacidade de doação afetiva contrabalançada necessariamente pela serena coragem para renunciar ao desejo de impor nossa vontade e presença quando elas não são solicitadas pelos filhos. É o equilíbrio entre o estar disponível e tornar-se dispensável que se aproximaria da “exata medida” na criação dos filhos. Nisto consiste, talvez a condição básica para o bom desempenho da paternidade ou maternidade na adolescência. (OSÓRIO, 1992, p. 84).

Para Rosa (1985) justamente por esses pais em muitos casos, continuam a tratá-los como crianças, que os adolescentes mantêm uma postura irritadiça e totalmente desafiadora frente aos pais, acompanhada pelo reforço dos hormônios que os deixam com a sensibilidade a flor da pele. Estão usando de todas as suas forças para negar todos os aspectos infantis e incorporar uma nova identidade e os pais insistem em lembrá-la e mantê-la. “Os adolescentes querem é não ser mais tratados como crianças. Quando os pais assim o fazem, estão desperdiçando a ajuda e o companheirismo que os adolescentes podem oferecer”. (TIBA, 2005, p. 38)

Contudo, “assim como os adolescentes sentem tensão entre a dependência dos pais e a necessidade de se libertar, os pais também têm sentimentos confusos”. Querem que seus filhos sejam independentes, mas têm dificuldades de “soltá-los”. (PAPALIA & ODLIS, 2003, p. 495).

Os adolescentes costumam fomentar a origem de conflitos, por sua condição desafiadora e questionadora em decorrência de suas novas capacidades críticas. Mas, uma questão que induz e fortalece ainda muito mais esta condição é o ato deles se negarem a comportar-se a altura de sua idade, especialmente em termos de assumir responsabilidades perante a vida. O que é muito característico quando estão em meio de variadas regalias, das

quais “não teriam mais direito”, porque se espera uma postura mais responsável e autônoma deste. (ROSA, 1985).

No começo da adolescência o indivíduo passa por estado de completa reformulação física e psíquica. Quebram-se os hábitos que durante muito tempo foram mantidos como estáveis em seu comportamento infantil. Agora, os próprios adultos o obrigam a quebrar esses hábitos para que adquira outros mais condizentes. Isto cria perturbação interna, que se reflete nos comportamentos externos, muitas vezes sem nexos, que acabam irritando ao adulto que não compreende a forte reformulação que está levando efeito. (MOSQUEIRA, 1977, p. 38).

No entanto, os conflitos tendem a esfriar, ao passo que os pais começam a reconhecer que seus filhos não são mais crianças e conseqüentemente lhes proporcionam os privilégios da maturidade, que passam a ser retribuídos, em termos de responsabilidades e de participação mais ativa, e quando estes pais tentam entender seus adolescentes de acordo com os novos valores culturais, seus grupos de parceria, mesmo quando não concordam com tais valores, mas, buscam reconhecer que seus filhos adolescentes estão vivendo em um mundo diferente daquele em que eles viveram quando passaram por esta idade. (ROSA, 1985).

Em suma, os adolescentes têm a família como um dos principais modelos para a vida em sociedade, portanto, quanto mais estes modelos de educação forem coerentes e participativos, maiores serão as chances de que os adolescentes atinjam a idade adulta de forma mais saudável.

Para Campos (1998) a ligação grupal também é um dos aspectos que adquire uma importância totalmente transcendental, neste sentido de ascender em relação ao âmbito familiar, uma vez que se transfere ao grupo, a maior parte da dependência, mantida anteriormente com os pais e a estrutura familiar. Para ser mais exato, o adolescente recorre ao grupo como reforço para sua identidade. Para o adolescente é fundamental o outro adolescente.

Segundo Papalia & Olds (2003) como os adolescentes passam por esta fase de questionar a adequação dos pais como modelos, mas, ainda não se sentem seguros de si suficientemente para se bastarem, procuram aconselhamentos nos amigos, para julgar o que é bom ou ruim. Já que estão passando por transformações semelhantes. Tendo através deste meio o acesso ao grupo de pares que é uma forte fonte de afeição, abrigo, compreensão e solidariedade e de avaliar os parâmetros de moral, e no qual tem a oportunidade de experimentação e um ambiente receptivo para alcançar a autonomia e independência dos pais.

É uma época difícil para o jovem de grandes perdas. O jovem tem que se separar, se independentizar dos pais e, de alguma forma, a melhor maneira que encontram para executar uma área tão difícil (já que são as figuras mais importantes na vida dos filhos até este momento) é, muitas vezes, destruir a imagem de perfeição que, do

nascimento até então, eles têm sobre seus pais. Afinal quem os protegeu a vida toda? Quem alimentou, acariciou, cuidou quando doentes [...]. Então, romper com essas pessoas tão importantes, mesmo que seja para crescer e conquistar independência, é muito difícil. Daí, a melhor maneira é criar uma imagem negativa do pai e da mãe, achar-lhes mil defeitos, criticar, criticar muito mesmo, para assim ter a justificativa de que precisam para atenuar a ligação tão forte. (ZAGURY, 2002, p. 117).

Também é oportunizado o estabelecimento de relacionamentos íntimos que virão a servir de ensaio para uma das etapas da fase adulta, que é a de possuir um companheiro, calcados pela visão de que, o adolescente vem a transpor sua fase juvenil a partir do momento em que exerce uma posição social (função trabalhista), e se torna independente financeiramente, deixando de morar com os pais, estabelecendo sua própria família ou união.

Os adolescentes precisam conquistar sua liberdade, mas precisam sentir-se incluídos. Precisam do seu diferente e do seu semelhante. Precisam fazer parte de um grupo. Carregam consigo a força e a fragilidade, a coragem e o medo, a completude e a transitoriedade. A incerteza é também uma conselheira permanente da construção da identidade dos adolescentes. Estes se encontram em uma situação que oscila entre o tudo e o nada. Sua liberdade se manifestará na sua capacidade e direito de proceder escolhas, de se verem capazes de optar entre diferentes alternativas. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003, p. 39).

Para tanto, segundo Costa (2000) da mesma forma que a família e os grupos cotidianos interferem no contexto da formação da Identidade, o ambiente escolar deixas suas “marcas” e será levado em auto grau no delinear da auto-imagem do adolescente e sua representação de “quem sou eu”.

A formulação da identidade depende do processo pelo qual uma sociedade identifica o jovem indivíduo, reconhecendo-o como alguém que deveria ter-se tornado naquilo que ele tornou e que, sendo aquilo que é, é considerado como aceite. (ERICKSON apud CLAES, 1985, p. 158).

Entretanto, Costa (2000) ressalta que é importante se ter consciência de que também o educador por uma simples atitude, pode fazer parte do auto-conceito de identidade de um adolescente; ou seja, não são apenas os familiares ou grupos que se inserem no convívio com os adolescentes que dão base para suas identidades, o que torna indispensável a este, agir com muito tato e discernimento para com seus alunos. Pois, cada jovem possui uma identidade e um diferente contexto familiar, social, cognitivo e psicológico que o difere do outro. E muitas vezes, uma postura aparentemente inocente pode repercutir de maneira muito marcante e representativa.

O sentimento ótimo de identidade é... Simplesmente vivido como um bem-estar ...o sentimento de se sentir em casa dentro do seu próprio corpo... de “se saber para onde vai” e a segurança interior de um reconhecimento antecipado por parte daqueles que contam (ERICKSON apud CLAES, 1985, p. 158).

Enfim, pode-se constatar a partir de Bock, Teixeira & Furtado (1999), que o processo de diferenciação, acontece quando há a noção de “eu”, e que outras pessoas funcionam como modelos, passando a ser objeto de identificação, pelas quais irá se formar a identidade que virá aclarar “o que sou eu” e “o que eu quero ser” no adolescente. E será através do conjunto das experiências, ao longo da vida, que cada um “montará” o seu próprio protótipo de modelo do que pretende ser, como homem ou mulher, profissional ou cidadão.

4 RÓTULOS E ADOLESCÊNCIA

O rótulo é antes de tudo uma visão distorcida que aponta na direção de uma “identidade” inadequada, que oprime, restringe e é aplicada sem o consentimento deste outro, como único caminho estabelecido por julgamentos superficiais, sem fundamentos reais, baseado na idéia do que é “adequado”, de caráter individualista e nada sensibilizado.

Segundo Papalia, Olds & Feldman (2006) e autores diversos, a adolescência é o momento crucial de definição da identidade, e refere-se principalmente a importância que os jovens designam ao olhar do outro em relação a si, para a construção de sua auto-imagem para o delinear de sua identidade, baseado em referências e opiniões de terceiros, familiares, amigos, colegas entre outros. E em função disso, se fez presente a necessidade de mencionar as influências dos rótulos na construção da identidade do adolescente.

Os adolescentes não podem ser considerados somente pelo ponto de vista de seus conflitos e processos internos, mas, pelo contrário, devem ser considerados biossocialmente, com a devida ênfase nos sistemas de valores e pressões dos grupos que os circundam e com ênfase, as vezes, nos valores em conflito, dos múltiplos papéis que precisa assumir. (CAMPOS, 1998, p. 32).

O termo “rótulo” poderia ser considerado um novo adjetivo para os conhecidos estigmas. Entretanto, ele vai um pouco mais além disso, possui o diferencial, de envolver um conteúdo maior do que características em específico (gorducho, magrelo, narigudo, lerdo, choroso e etc...), pelos quais, o outro, é estigmatizado, julgado ou apontado. Ou seja, os rótulos estão mais ligados a julgamentos extraídos da dinâmica da pessoa e possuem uma conotação mais psicológica, apesar de serem estabelecidos por seus mentores, através das ações de seus ditos proprietários.

O estigma revela que a sociedade tem dificuldade de lidar com o diferente. Esta dificuldade é “perpetuada”, ao longo das gerações, pela educação familiar, pela escola, pelos meios de comunicação de massa, por cada um de nós em nosso cotidiano, o que leva a construção de uma carreira moral para o indivíduo estigmatizado, isto é, sua identidade vai incorporar este atributo ao qual corresponde um valor social negativo. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1999, p. 209).

Segundo Gomes (2007), o ato de lançar olhares de reprovação e fazer julgamentos, críticas, e outras ações que, em sua prática oprimem, restringem ou afetam a subjetividade e condição psicológica do outro, também ocorre sob a denominação de *bullying*. O qual se constitui pelo ato consciente e deliberado de maltratar, pressionar, ameaçar,

amedrontar, tyrannizar, oprimir e intimidar outro sujeito, especialmente no âmbito escolar. E este se dá com muito mais intensidade na fase da adolescência.

Apesar do *bullying* aproximar-se da idéia de rotulações, sua aplicação diferencia-se pela intenção e elementos motivadores do seu uso. Como apresentando por Gomes (2007) o *bullying* está mais relacionado às características físicas, preconceitos, rejeições grupais, agressões físicas e verbais, pela idéia de inaptidão das vítimas, em se adequarem aos ideais, vestimentas e maneiras de se portar de seus agressores. Ou ainda, simplesmente como forma de se auto-afirmar em grupos dominantes e/ou por satisfação em agredir (bastante comum e geralmente justificado como brincadeira).

O fenômeno *bullying* é caracterizado como sendo um subconjunto de atos agressivos, repetitivos, nos quais evidenciam um desequilíbrio de poder, incapacidade de defesa da vítima, seja essa por variados fatores, tais como: menor estatura ou força física, por estar em minoria, por ser pouco habilidoso em se defender, pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores do ataque. (FANTE, 1998 apud GOMES, 2007, p. 14).

Já a aplicação do rótulo, baseado na experiência da pesquisadora, ocorre tanto de maneira agressiva e intencional como de forma circunstancial, “inofensiva” e/ou de maneira velada e inconsciente, em que, o rotulador não tem noção ou se dá conta dos efeitos de sua ação, em razão de ter um olhar distorcido pré-concebido. Enfim, sua aplicabilidade não é baseada em “caricaturas” de características físicas ou psicológicas “reais amplificadas” ou, para satisfação própria do agressor como no *bullying*, mas, seguem da seguinte forma:

Aplicação intencional de rótulos – representa a ação de represalha a alguma atitude que desagradou o agressor que em seu descontentamento é motivado a usá-lo contra sua vítima para ferir-lhe.

Aplicação “inofensiva” de rótulos – o rótulo é aplicado via comentários do rotulado que geram a reprodução do olhar que veio a pré-conceituá-lo.

Aplicação velada de rótulos – quando os rotuladores se reportam ao rotulado como uma vítima de maneira afetiva visando compensar sua “inabilidade” e acabam inibindo suas capacidades de se mostrar eficaz com o intuito de poupar-lhe da possibilidade de fracassar, e acabam cerceando sua chance de “vencer” tornando-o mais uma vez incapaz. Esta entre as outras, é a mais comum, dolorosa e perigosa de ser vivenciada, porque geralmente o rotulado passa a aderir à idéia de desajustamento ou inadequação e dificilmente reivindica as “acusações” e “insinuações” que induzem a atribuição de seu rótulo, por entender que as pessoas podem estar simplesmente sensibilizadas ou preocupadas com ele, e assim, não seria “justo” julgá-las ou adequado reivindicar sua real posição. Em geral eles ocorrem simultaneamente, mas, para uma compreensão mais fidedigna foram separados.

Em suma, a ação de rotular se dá, através da antecipação das capacidades do outro, dos olhares de reprovação que sub-julgam e desqualificam, antes mesmo, das reais condições e capacidades deste entrarem em ação. É como se fosse, uma “sentença punitiva” às atitudes que seu portador teve em um dado momento de desacerto, em que uma determinada postura do “ontem” ou “hoje” ecoa como uma esperada postura futura e do cotidiano que sempre virá cedo ou tarde ocorrer.

Portanto, se torna indispensável mencionar a posição de Mosqueira (1977) de que a adolescência deve estar relacionada à consecução de uma auto-estima suficientemente fortalecida para poder resistir perante o mundo de contínuas exigências e provações. Pois, não é simples firmar uma auto-imagem sadia e uma auto-estima realista, porque a dependência sócio-cultural delimita e bombardeia as possibilidades de um equilíbrio psicológico, através das demandas que obrigam a comportamentos, que não foram devidamente preparados para uma adaptação psicológica sadia.

Antes de conversarmos sobre a adolescência, é necessário resgatar em cada um de nós a compreensão de que somos sujeitos plenos. Sujeitos de direitos, de desejos, de necessidades, de formas próprias de se expressar e participar da cultura. Sujeitos ao acerto e ao erro, sujeitos à crise, sujeitos a não dar conta das coisas, mas, sobretudo com o direito de se desenvolver em todas as dimensões, direito à liberdade, a uma vida digna e partilhada. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003, p. 33).

De acordo com Crema (1985), sob a perspectiva da análise transacional, já durante a infância as pessoas passam a delinear um “*script*” ou “roteiro” de vida, no qual projetam uma imagem de si como, “vencedoras” ou “perdedoras”. E este é um esboço da forma como a família encarava-as e que as levarão a se perceberem. É reforçado também, por terceiros através de ações que resgatam lembranças inconscientes, de atitudes tomadas especialmente pelos pais. Contudo, o autor menciona que na adolescência este “*script*” é revisado para adaptar-se ao contexto do momento. Apesar das mensagens recebidas na infância manterem-se como principal alicerce da subjetividade positiva ou negativa.

A Análise Transacional (AT) é muitas coisas. Primeiro, é uma *filosofia* – um ponto de vista acerca das pessoas. Segundo, é uma *teoria* do desenvolvimento da personalidade, do funcionamento intra-psíquico e do comportamento interpessoal. Terceiro, é um sistema de *técnicas* destinadas a ajudar as pessoas a compreender e modificar seus sentimentos e comportamentos. Todos esses aspectos são completamente interligados. (WOOLAMS & BROWN, 1979, p. 11).

E através desta linha de pensamento, pode-se considerar então, que o período da adolescência é uma ótima oportunidade para a revisão de conceitos de si, e dos rótulos impróprios fixados à identidade que se estabelece no presente. E ainda, que um adolescente portador de uma trajetória infantil depreciadora de suas capacidades e auto-imagem terá

probabilidades ainda maiores de levar esta condição para sua vida adulta, viver em sofrimento e em descompasso com suas capacidades reais.

Através de várias experiências e estudos sobre a dinâmica das relações pais e filhos, chegaram os pesquisadores à conclusão que os lares democráticos são os que promovem o ajustamento social no adolescente, ao passo que os lares indulgentes, rejeitadores e autocráticos levam o adolescente a atitudes de insegurança social, hostilidade e desajustamentos de personalidade. (NOVAES, 1972, p. 182).

Crema (1985) faz alusão de que os *scripts* e *roteiros* referidos são sustentados por *mandatos* que se sobrepõem a dinâmica do sujeito, ofertados por pais, avós e familiares como referências de base, que virão a traçar o caminho para uma postura de “perdedor”. Estes mandatos são denominados como *catastróficos* e *específicos*. Nos *catastróficos* há uma postura de “não exista”; “não viva”; “não sinta”; “não pense”; “não desfrute”, “não seja do seu sexo”, “não!”, “não se defenda” e nos *específicos*, mensagens como “não me supere”, “não me abandone”.

Ao passo que, se torna pertinente, constatar que os julgamentos e afirmações negativistas usuais frente aos rotulados, apontam perigosamente na direção do possível alcance que o significado do rótulo pretende delegar ao sujeito, por suas constantes afirmações e reafirmações acusatórias, assim como, os *scripts* são sustentados por seus mandatos. Os julgamentos e afirmações negativas rotuladoras podem ser comparados aos mandatos, por sua condição inibidora das possibilidades de contato com o verdadeiro “eu” que tornam o rótulo, parte complementar do sujeito que se conduz pela idéia do que “deve ser”, pautado no que lhe é apresentado como “seu” que virá a demarcar o *script* ou *roteiro* de sua condição existencial como vítima, incapaz, fracassado, dependente entre outros.

O *script* representa uma estrutura significativa a respeito da própria pessoa, respondendo às perguntas básicas: “Quem sou eu”, “Quem são os outros”, “O que eu faço no mundo?”, e “O que acontece a pessoas como eu?” De acordo com as experiências felizes, ou infelizes, que constituíram sua tenra vida, a criança, na primeira década de existência, responderá, bem ou mal, a estas questões vitais. E suas respostas terão caráter de *decisões de sobrevivência*, que constituirão seu *script* de vida. (CREMA, 1985, p. 200).

Entretanto Carvalho, Salles & Guimarães (2003) advertem que, na adolescência o olhar de terceiros se torna referência para o estabelecimento da compreensão de si, de identidade. E que a auto-compreensão desta, não irá mais apoiar-se apenas em elementos da fase infantil para sua estruturação, mas, fará uso dos novos componentes sociais, institucionais e das inter-relações cotidianas para definir-se. As quais se destacam como agentes de base para a constituição de uma identidade sadia ou não, como as escolas

(educadores, colegas e o corpo escolar), família (pais ou cuidadores), amigos, pares mais próximos que acompanhem esta etapa.

Por isso, o fato de ser exposto a rótulos é bastante preocupante no período da adolescência. E como já mencionado anteriormente, esse é o momento mais intenso da formação da identidade, de identificações e no qual, os jovens mais se atêm aos julgamentos dos outros para a elaboração da compreensão do que pertence a si, para só então, depositar suas energias na aquisição de escolhas e decisões comuns de reflexão deste período, com base no que acredita serem indicativos de suas capacidades individuais, que conduzirão suas escolhas mais fundamentais como: vocacionais, noção de posição social, entre outras.

De acordo com Elias, Tobias & Friedlander (2001, p. 68): “O sentimento de ser apreciado, de ser celebrado, é parte essencial das vidas de nossos adolescentes. É algo de que eles necessitam para se aventurarem no mundo e experimentarem identidades de confiança”.

E por isso, Campos (1998) adverte que, os adolescentes necessitam de companheiros da mesma idade, com quem possam partilhar interesses, valores e manter uma relação de dar-e-receber sadia, pautada em respeito mútuo, que oportunize um espaço seguro para serem exercitados; direitos, deveres, conformidades, cooperação, lealdade, competição e todas as posturas e atitudes sociais exigidas que conduzam à fase adulta. E que a ausência deste treino, poderá vir a comprometer o desenvolvimento emocional saudável, trazendo inseguranças quanto a novos papéis, autonomia e desenvolvimento de si mesmo.

Confiar em um amigo ajuda os jovens a explorarem seus próprios sentimentos, definirem sua identidade e a avaliarem seu próprio valor. A amizade oferece lugar seguro para arriscar opiniões, para admitir fraquezas e para obter ajuda na resolução de problemas. A capacidade de intimidade está relacionada com a adaptação psicológica e a competência social. Os adolescentes que têm amizades próximas, estáveis e apoiadoras geralmente têm uma opinião favorável a seu próprio respeito, saem-se bem na escola, são sociáveis e tendem a não ser hostis, ansiosos ou deprimidos. (BERNADET e PETTY, 1990; BUHRMESTER, 1990; HARTUP e STEVENS, 1999 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAM, 2006, p. 502).

Portanto, conclui-se que ser, portador destes tipos e formas de rótulos durante o adolescer, principalmente no que se refere aos “colegas e amigos”, se torna um grande fardo para os adolescentes, e pode resultar na consolidação de uma identidade equivocada, ou melhor, mal estruturada, e no aflorar da baixa-estima em conjunto a fortes sentimentos de inadequação.

O ato de rotular além de amparado pela postura e olhar desqualificador, geralmente ocorre por meio de palavras destrutivas constantes lançadas ao “rotulado” como; “você é assim mesmo, nunca faz nada direito = rótulo de incapaz”, “mas, se você sabe que precisa de ajuda não perca tempo fazendo sozinho = dependente”, “Ele sempre foi meio lerdo,

mas, todos nós gostamos muito dele, ele sempre é ajudado = atitude velada do rótulo incapaz entre outros”. E são constantemente reafirmados, de certa maneira, que quase nunca é possível ao rotulado demonstrar suas capacidades, mudanças ou esforços em se superar, já que este é antecipado com a restrição do “rotulador” que o lembra de que, este “não está apto para tal”, antes de qualquer coisa, por meio destas típicas frases fomentadoras dos rótulos.

Todavia, Burke (2003) ressalta que, não é que, não seja permitido criticar jovens ou crianças, mas, que antes de fazê-lo é necessário refletir sobre como esta virá a ser realizada de forma construtiva, tendo como base a idéia de que a grande problemática das críticas está na forma pela qual é conduzida verbalmente e a maneira pela qual é abordada (tom de voz, postura e etc...). Pois, estas principalmente, quando mal elaboradas podem ser entendidas como uma ação desqualificadora, que poderá denegrir a auto-imagem e então, comprometer a noção de identidade estabelecida até o presente momento, refletindo negativamente até mesmo no âmbito escolar e familiar como consequência.

Logo, a maior parte das críticas tem pouco a ver com os fatos, ou se refere apenas a um ou outro aspecto da situação – ou personagem. Mas, quem faz a crítica acredita – via de regra – estar apontando para o principal culpado (único). Preconceitos e causa-efeito foram inventados para sacrificar *um* em vez de comprometer a *muitos*; ainda, para simplificar as relações humanas, que assim se deturparam completamente. Concordam todos em que há críticas construtivas e destrutivas. Mas, a separação entre elas não está no discurso nem nas explicações ou justificativas. A diferença está no não-verbal, na atitude, no tom de voz e na expressão do rosto de quem faz a crítica. Outras vezes a diferença está na hora em que a crítica feita – ou na presença de quem. Mas, as palavras também podem insinuar a boa atitude. (GAIARSA, 1993, p. 134).

Para Burk (2003) a crítica só se torna destrutiva, se quando utilizada, ao invés de enfatizar a ação como inadequada, dirigir-se ao sujeito como impróprio na ocasião, o que coloca a subjetividade em questão. Ou seja, quando um adolescente tem uma atitude agressiva e a professora dirige-se a ele dizendo “*Você teve agora uma postura, fala ou atitude agressiva e isso não foi correto*”, ela está lhe mostrando que naquele momento o jovem teve uma atitude errada, ao invés de indicar o autor da ação como objeto do erro dizendo “*Você é agressivo! Você não está correto!*”.

Os professores podem pelo menos dar exemplo através de seu próprio comportamento. Devem evitar comentários pejorativos e nunca devolver o trabalho de casa em ordem de nota decrescente. Estudantes mais fracos não devem ser criticados em sala de aula. Se um professor deixa claro que todos são tratados da mesma forma, os alunos vêem nisso um sinal para não excluir outros do grupo. (SCHAFER, 2007 apud GOMES, 2007, p. 34).

E em função disto, Bock, Furtado & Teixeira (1999) fazem alusão a atenção que é necessário, estar atento as profecias auto-determinantes costumeiras, consideradas

inofensivas, ou apenas verdades ditas. Pois, estas podem vir a limitar o desempenho e a maneira do adolescente conduzir-se. Eles consideram que o uso de “rótulos” e olhares que determinam um adolescente como (preguiçoso, agitado, lento, avoado incapaz, dependente demais, entre outros), interferem em grandes proporções nas ações e inter-relações dos adolescentes. E os mesmos podem levá-los a “contaminarem-se” pelo julgamento dos outros, fazendo-os compreender-se como são considerados, avaliados, ou melhor, julgados, devido a constante espera e reforço de que venham a agir de acordo com o olhar pré-estabelecido lançado sobre eles.

Nesse sentido, é importante prestar atenção a situações semelhantes ao processo de estigmatização que pode permear a vida cotidiana. Exemplo: na escola, a professora que reiteradas às vezes afirma que determinado aluno “tem dificuldades”, é “burro”, “cabeça-dura”, “difícil de aprender”, sem dúvida poderá ser uma experiência marcante para ele, que, se internalizar tais comentários, passará a ver a si próprio da forma como a professora o vê e diz ser, e este aluno, que não tem dificuldades, poderá realizar a profecia de fracasso empregada por ela. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1999, p. 210).

A aplicabilidade dos rótulos e suas freqüentes afirmações originam-se de uma postura e idéia rígida, aderida pelo rotulador de que o rotulado sempre acabará uma hora ou outra por comprovar o seu julgamento, no qual, não se admite qualquer ação, erro ou deslize que lembre o que deu origem ao rótulo. Na visão distorcida das capacidades do outro, em que o acusador tem por hábito estar sempre comparando atitudes cotidianas, com passadas, como justificativa do seu julgamento atual e da “certeza de que” ao menor sinal de credibilidade, sua vítima irá fracassar e se mostrar não merecedora de qualquer expectativa positiva ou oportunidade.

Silveira Bueno (1996, p. 584) apresenta que o termo rotulado significa: “o que possui rótulo, o que é etiquetado, tachado ou denominado”. Podendo-se fazer então a analogia do termo rotular, e orientar o porquê do seu uso, através do seguinte pensamento: assim como as pessoas buscam orientar-se pelas etiquetas como identificação dos produtos, os indivíduos acometidos por rótulos, são “rotulados”, como se fossem “etiquetados”, como portadores de um perfil e identidade aplicados a eles, considerados como referência de base. Entretanto, seus aplicadores não enxergam ou abrem espaço para o verdadeiro conteúdo interno e capacidades de sua vítima, porque antecipam qualquer tipo de manifestação do seu verdadeiro “eu” por atentar-se diretamente ao rótulo “aparente” que “fixam” no outro.

Ao passo que se torna tangível a conclusão de que os adolescentes são bastante vulneráveis aos julgamentos nesta etapa de sua vida, porque estão justamente em buscar referências de si, partindo da idéia que os outros possuem dele. E em razão disso, quando

expostos a tal condição julgadora, ficam tão mergulhados em meio a estas “acusações” e reprovações, que seu “eu” fica fragilizado e ele cansado, de ter que provar aos outros “quem ele é”, e depois de certo momento para ele mesmo, que não é o que dizem, a tal ponto que passam a ter sua identidade fragmentada e enfraquecida pelos rótulos.

Para o adolescente, as vivências diárias, assim como as novas situações, possibilitam uma estruturação que será o modelo de como desenvolver e adaptar sua dinâmica de comportamento. A auto-imagem está intimamente unida à auto-estima e, uma depende da outra. É importante assinalar que a auto-estima parte de como a pessoa aprendeu a se ver, apreciando seus comportamentos e percebendo como os outros a vêem. O julgamento sobre si se realiza na medida em que os outros reagem ante nossa pessoa. (MOSQUERA, 1977, p. 43 - 44).

Contudo, vale ressaltar que os adolescentes são capazes sim, de transcender as expectativas e rótulos que o rebaixam a um nível desqualificador. Mas, para terem sucesso nesta tarefa, necessitam primeiramente “tomar um certo fôlego”, ter uma oportunidade mínima de serem reconhecidos e se reconhecerem como verdadeiramente são, para recuperarem sua auto-estima e até mesmo compreensão de si.

A educação e a construção da identidade do jovem passam necessariamente, pela construção de uma nova ética, que se expresse pela vivência imediata da cidadania, realização e expressão de uma participação digna na sociedade. Para isso, não há outro caminho se não a recuperação do afeto, da sensibilidade, a arte e da beleza na relação entre os jovens, os pais, os educadores e os grupos de identificação. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003, p. 39).

Entretanto, se esta mínima oportunidade é negada a este adolescente e seu rótulo intensamente “alimentado” como parte dele, por aqueles que o cercam, este jovem poderá acabar entregando-se ao rótulo que lhe é imposto, e incorporando esta imagem distorcida que lhe fornecem tão constantemente, ao ponto de projetar-se de fato em tais “acusações”, transformando-as em elementos de sua identidade. E ele acabará tornando-se “prisioneiro” de um “molde” que o limita e impossibilita psicologicamente, de alcançar, ou melhor, usufruir de suas próprias ferramentas potencializadoras, que certamente o conduziriam ao alcance do seu “eu”, do “seu melhor” e de uma identidade ajustada e congruente com suas habilidades, sentimentos e emoções reais.

É da maior importância para um adolescente a quantidade de calor humano que recebe dos de sua idade. Semelhante ao efeito da torcida num jogo de futebol, a aceitação ou não de sua pessoa pelos demais vai influir poderosamente no conceito que faz de si mesmo e na disposição de vencer na vida. Daí o sentimento de acolhimento ou, pelo contrário, o de rejeição e isolamento social. Ele precisa sentir que pertence ao time, para se sentir importante. Só então se percebe ajustado e situado no mundo. (LACERDA & LACERDA, 1998, p. 48).

Enfim, os rótulos são tanto consolidados, como desmistificados por meio das relações de base dos adolescentes, que agem como elementos referenciadores deste sujeito e podem ser implacáveis no que tange a construção da identidade.

5 A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NA ADOLESCÊNCIA MARCADA POR RÓTULOS

Na adolescência como explanado anteriormente, os jovens tomam como referências as opiniões de terceiros acerca de si, para incorporarem sua identidade e definirem um conceito do que é o seu “eu”. E para isso, apóiam-se em suas interações sociais, institucionais e inter-relações cotidianas, mais presentes para consolidar-se como sujeito. Pelas quais, destacam-se como fortes elementos para a constituição de uma identidade sadia ou não; a escola, família, amigos e etc. (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003).

Ao passo que se tais elementos de base não proporcionam condições favoráveis para o estabelecimento de uma auto-imagem positiva e condizente com as reais potencialidades do adolescente, a apropriação de uma identidade saudável deverá dar lugar a uma outra, identidade equivocada e fragmentada, que poderá vir a inibir o sucesso deste sujeito e o seu verdadeiro “eu” de alcançar seus talentos, condições de saúde emocional e psicológica necessárias. Faz parte do processo de identificações, os jovens tomarem para si, os conceitos que os outros destacam como sendo deles, neste período. (MOSQUERA, 1977).

É durante a adolescência que se tem uma segunda, e grande oportunidade, para se oferecer condições construtivas ou destrutivas ao desenvolvimento da estrutura de personalidade dos jovens, a partir da interação com a sociedade da qual fazem parte, e na qual vão buscar seus novos modelos identificatórios. Os Jovens são vulneráveis e susceptíveis às influências oriundas do meio social. Buscam fora do núcleo familiar aspectos que desejam incorporar à sua realidade pessoal, ou outros, com os quais necessitam apreender a lidar e que constituem uma parte do seu eu, nem sempre bem integrada à personalidade. (LEVISKTY, 2000, p. 22).

E sob esta condição de acordo com Leviskty (2000), é possível constatar que a não aceitação é meio desfavorável, mediada pelas relações cotidianas, que neste caso, se remetem a ação rotuladora, e tornam-se bastante nocivas ao desenvolvimento da identidade no adolescer. Pois, tal ação é sustentada pelo olhar que restringe, desmerece e enquadra-o a um rótulo de conotação negativa, baseada em uma visão rígida e distorcida das capacidades do outro, que o desqualifica e poderá ser aderida como real e pessoal.

Visão enrijecida esta, que poderá legar a este jovem adepto alguns atributos negativos de uma identidade equivocada como tornar-se temeroso frente a posicionamentos que deve tomar por aderir idéia de inaptidão; altamente julgador de si e habilidades pessoais de maneira que nunca se torne “bom o suficiente” aos próprios olhos; desencorajado e portador de uma baixa estima; dependente do auxílio ou afirmação dos outros para seguir em suas atitudes; inseguros diante de seus relacionamentos do dia-a-dia ao ponto de não medir

esforços para agradar o outro e colocar-se sob circunstâncias inapropriadas, degradantes e em alguns casos até mesmo em condições psicológicas mais graves como depressão pelo intenso sentimento de inadequação, e outros transtornos de ansiedade ligados à necessidade de perfeição como Transtorno Obsessivo Compulsivo, etc.

Sendo necessário ressaltar que cada elemento e sua gravidade dependerão das atribuições que os rótulos desejam empregar. E que em sua maioria, estes se atêm mais a auto-conceito de auto-imagens, que tendem a dificultar escolhas mais óbvias como: vocacionais, noção de posição social, entre outras, com base no que acreditam ser indicativos de suas capacidades ou incapacidades individuais e não se remetem tanto a psicopatologias.

Contudo, através de práticas intermediadas por profissionais de psicologia unidos a equipe do corpo escolar, em parceria com pais e educandos, é possível prevenir estas ações rotuladoras e reverter o quadro de identificações inadequadas aderidas no âmbito escolar, pela aplicação de rotulações que possam ter resultado em identidades fragmentadas e incongruentes.

Costa, Souza & Rocanglio (2000) denotam que a psicologia escolar ocupa-se justamente de práticas educativas que englobam os efeitos de ensino/ aprendizagem dos estudantes visando à qualidade da construção destes dentro da escola, através de propostas, análises e a compreensão de possíveis causas de conflitos ou possibilidades de avanços. Pelas quais se tem em vista o trabalho com pais, alunos, professores e todos aqueles que se inserem no campo escolar. Portanto, cabe ao psicólogo escolar utilizar-se de ações preventivas e reeducativas voltadas a prevenção, para neutralizar as influências negativas oferecidas pelo meio, de caráter social e/ou educativo, que possam remeter alunos a condições adversas.

“Ao psicólogo escolar cumpre conhecer que espécies de forças influenciam as escolas e de que modo reagem e respondem os que são por elas afetados”. (COSTA, SOUZA & ROCANGLIO, 2000, p. 13). Na medida em que, faz-se possível o entendimento de que o psicólogo poderá por meio de palestras e atividades grupais com alunos, professores e pais, buscar a disseminação de posturas e ações rotuladoras, com o auxílio de práticas que propõem o processo de conscientização de cada um destes componentes na solidificação e apropriação de rótulos a identidade de outros, nas quais sejam abordadas como se dão as posturas e pré-julgamentos rotuladores, as formas de evitá-los, a influência das críticas, os efeitos do tom de voz e do ato de antecipar as capacidades do outro, bem como, seus agravantes. E pelas quais fique esclarecido que a ação rotuladora ocorre em consequência de um olhar que restringe e minimiza o outro a tal ponto que o impede de mostrar-se superior ao rótulo aplicado, que poderá ser ultrapassado, por uma simples atitude de não antecipação, olhar positivo e

possibilidade de interação autêntica deste, em que não é avaliado pelo que foi em momentos de desacertos anteriores, mas, sim pelo que poderá vir a ser.

Os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolviam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio, e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas. (NETO, 2005 apud GOMES, 2007, p. 33).

Contudo, atuação psicológica não necessariamente, cabe apenas ao Psicólogo Escolar, mas, também se reporta à intervenção clínica. Ao passo que os rótulos não ocorrem simplesmente nas escolas, mas, fazem parte de um conceito estabelecido pela antecipação das capacidades do outro e olhares de reprovação que sub-julgam e desqualificam, de terceiros, familiares, pares ou grupos sociais em que o jovem esteja inserido. Apesar de ter muito mais uma origem familiar e escolar por serem estas a base das inter-relações do adolescente a priori.

O papel da psicologia, tanto na escola quanto em sua atuação clínica frente às posturas rotuladoras, deve visar a dessensibilização da conotação que os rótulos vêm empregar a dinâmica de suas vítimas, no sentido de auxiliar estes a reconhecerem suas verdadeiras potencialidades e identidades, para que não venha mais ceder à compreensão inadequada de seus rotuladores.

Rogers (1983) vem justamente ao encontro desta necessidade de conduzir o sujeito a autenticidade e congruência, através de suas formas de intervenção estabelecidas pela idéia de que o sujeito possui dentro de si, recursos de auto-compreensão, para a modificação de seus conceitos, suas atitudes e comportamento autônomos, que podem ser ativados por intermédio de um espaço propício de definição, apoiados em atitudes psicológicas facilitadoras.

E este espaço que Rogers (2001) propõe, é fornecido através da intervenção psicológica da Abordagem Centrada na Pessoa, que tem como base criar um ambiente acolhedor e seguro para que o cliente venha a se desconectar de julgamentos ou posturas esperadas e venha portar-se e reconhecer-se de maneira autêntica e congruente com suas emoções e atitudes.

Para Rogers (1983) quando o cliente encontra alguém que ouve e aceita os seus sentimentos, ele começa aos poucos tornar-se capaz de ouvir a si mesmo e apto para perceber sentimentos que negou e reprimiu e enquanto vai aprendendo a ouvir a si mesmo começa a aceitar-se mais. Então, quando o terapeuta tem para com ele uma atitude congruente e de consideração positiva incondicional, o cliente vai vagarosamente aderindo esta postura

consigo e aceitando-se como é caminhando rumo ao processo de tornar-se o que é verdadeiramente.

Para uma melhor compreensão de como se dá o processo terapêutico na Abordagem Centrada na Pessoa, sob a perspectiva de rogeriana, de acordo com Rogers (1975), as três condições facilitadoras fundamentais que conduzem o cliente a uma condição de autoconhecimento e aceitação de si, e que podem ser de grande valia no auxílio dos jovens desestabilizados em sua subjetividade por causa dos rótulos que são: **a consideração positiva, compreensão empática e a congruência.**

Rogers (1983, p 38-39) descreve estes três elementos de intervenção da seguinte forma:

- **Autenticidade, sinceridade ou congruência:** Significa ter uma postura “transparente” que expresse verdadeiramente os sentimento e atitudes que fluem no momento;
- **Aceitação ou aceitação incondicional:** O terapeuta possui uma atitude positiva, aceitadora, relativa ao cliente, seja o momento que for, ele deseja que seu cliente se expresse verdadeiramente;
- **Compreensão empática:** Apoiar-se na empatia como forma de captar com exatidão os sentimentos e significados pessoais de que o cliente está vivenciando e comunica sua compreensão ao cliente. Nestes momentos o terapeuta pode conectar-se ao mundo interno do seu cliente e se torna capaz de esclarecer não apenas o que está ao alcance da consciência, mas, também o que está abaixo dela. Outro aspecto importante do desenvolvimento da empatia é a capacidade de bloquear as constantes repressões dos pensamentos conscientes.

Quanto mais o cliente percebe o terapeuta como uma pessoa verdadeira ou autêntica, capaz de empatia, tendo para com ele uma consideração incondicional, mais ele se afastará de um modo de funcionamento estático, fixo, insensível e impessoal, e se encaminhará no sentido de um funcionamento marcado por uma experiência fluida, mudança e plenamente receptiva dos sentimentos pessoais diferenciados. A consequência desse movimento é a alteração na personalidade e no comportamento no sentido de saúde e da maturidade psíquica e de relações mais realistas para com o eu, os outros e o mundo circundante. (ROGERS, 2001, p. 77).

Rogers (2001) sugere também, outras medidas para intervenções como o suporte por meio de grupos e também faz menção a atitudes práticas que envolvam o ambiente escolar em que se apliquem estes três elementos da relação cliente-terapeuta, na relação aluno-professor de acordo com parâmetros escolares, entre outras formas de abordar os alunos.

Enfim, a prática terapêutica Rogeriana, envolve justamente o sentido de proporcionar o espaço acolhedor, de aceitação e facilitador de atitudes autênticas que o adolescente não possui para se expor como devidamente é, em razão de seus rótulos ou rotuladores que o oprimem e o desestruturam. E é através deste meio facilitador que se torna possível a este arriscar-se em ser verdadeiro, e poder assim, perceber as capacidades e potencialidades que se encontravam abatidas ou inacessíveis pela falta de espaço para sua expressão. De maneira que vem a se reconhecer, fortalecer-se em seus conceitos de si e combater quaisquer circunstâncias que queiram fazê-lo render-se aos antigos papéis de fracasso e coação de sua verdadeira identidade.

O cliente modifica-se e reorganiza a concepção que faz de si mesmo. Desvia-se de uma idéia que o torna inaceitável aos seus próprios olhos, indigno de consideração, obrigado a viver segundo as normas dos outros. Conquista progressivamente uma concepção de si como uma pessoa de valor, autônoma, capaz de fundamentar os próprios valores e normas na sua própria existência. Desenvolve uma atitude muito mais positiva em relação a si mesmo. (ROGERS, 2001, p. 76).

A Análise Transacional também pode ser uma forte aliada no que se refere à dissolução de autoconceitos equivocados aderidos a identidade, pré-concebidos no âmbito familiar. E no restabelecimento de uma identidade saudável que rompe com os paradigmas destrutivos implicados na relação rótulo – rotulado – rotulador; os quais por sua vez, são provocadores de baixa estima nos adolescentes e em muitos casos conduzem a roteiros ou scripts de vida de perdedores, e a uma identidade desagregada ao verdadeiro eu deste sujeito.

Aliás, inúmeras investigações realizadas em Clínicas e Centros de Orientação Juvenil demonstram que a influência do ambiente familiar é decisiva para o ajustamento emocional do adolescente. A grande incidência de conflitos emocionais que se exteriorizavam por ansiedade, sentimentos de insegurança, depressão, medo, negativismo e incapacidade de estabelecer relações afetivas, coincidia com o grande número de famílias desintegradas, desunidas, de pais ausentes, incompreensivos, imaturos, neuróticos, dominadores, desajustados, que não podiam dar amor e apoio aos adolescentes. (NOVAES, 1972, p. 182).

Harris (2001) menciona que a Análise Transacional atribui a personalidade três estados de ego denominados; estado de ego *pai*, *adulto* e *criança*. E que para haver retificações de roteiros de vida no adolescente é necessário primeiramente ensinar a eles e aos seus pais, a lidarem e identificarem suas ações nos estados de ego mencionados.

O estado de ego Pai é formado pelas incorporações dos verdadeiros pais e figuras parentais, mais aquilo que o indivíduo aprendeu e aceitou de atitudes parentais vindas de qualquer fonte. As pessoas se comportam exteriormente de modos similares aos dessas figuras parentais e também dão a si mesmas, em suas mentes, mensagens parentais sobre o comportamento, pensamentos e sensações...mensagens

que tomaram de outras pessoas, bem como mensagens inventadas quando não havia pais. O estado de ego criança é a parte das pessoas que pensa, sente e se comporta como faziam no passado, principalmente como crianças mas, às vezes, como adultos. O estado do ego adulto é a parte que pensa, armazena e retira dados, se comporta de um modo não emocional. (GOULDING & GOULDING, 1985, p. 28).

Harris (2001) ressalta ainda, que quando uma pessoa se dirige a outra, para que haja harmonia, ambas deveriam estar sob influência do mesmo estado de ego. E por isso, a compreensão destes se torna uma ferramenta a mais no estabelecimento de relações mais adequadas e bem sucedidas. Ele transfere aos referidos estados de ego os seguintes significados:

- **Estado de ego pai:** registros de admoestações, regras, leis, em geral inculcados pelos pais na fase infantil, o que pode, não pode é certo e errado, as crenças, cultura, permissões, proteção e etc. O qual pode ser subdividido em pai nutritivo (acolhedor e protetor) e pai crítico (punitivo, crítico e cobrador).
- **Estado de ego adulto:** remete-se a racionalidade, avalia pondera, calcula, faz a mediação entre o desejo e a necessidade, discurso prático e objetivo.
- **Estado de ego criança:** envolve necessidades, vontades, o que se gosta e não se gosta, agressividade, pulsões e etc.

Harris (2001) ressalta que quando o adolescente está sob este tipo de circunstâncias em que se submete a auto-julgamentos por acreditar firmemente nas mensagens e críticas aderidas pela ação do estado de ego pai, de seus pais ou cuidadores, o tratamento baseia-se em libertar o estado de ego adulto, tanto no adolescente, quanto em seus pais, a fim de que se estabeleça um “contrato” de relação adulto-adulto. Pois, segundo este, sem um estado de ego adulto emancipado, a convivência será insuportável para ambos.

Em resumo, a Análise Transacional remete as ações que pressionam, fazem julgamentos, que criticam, advertem e aos conceitos de inaptidão que os adolescentes podem ter de si, à ação do estado de *ego pai crítico*. E levanta a compreensão de que o jovem incorpora algumas crenças de si e se acusa pelo seu pai crítico baseado na antiga ação que seus pais tiveram diante dele quando estavam apoiados neste estado de ego pai.

Como vimos os processos de identificação da criança e adolescente ocorrem a partir dos movimentos psíquicos existentes na relação pais e filhos, numa interação com a família e com a sociedade maior. O adolescente incorpora, desenvolve e transforma esses valores, na busca de seus próprios modelos, no desejo de encontrar o seu próprio modo de ser, pensar e viver. (LEVISKY, 2000, p. 26).

Conforme Harris (2001) se faz necessário no tratamento “nutrir” o estado de ego adulto no adolescente, para que este venha a avaliar o que de fato é real, do que pode ter sido

aderido de uma condição injusta e cruel que partiu *de* acusações feitas de seus pais em estado de ego pai crítico a sua identidade. E amadurecer em seus pais o estado de ego adulto para que estes sejam mais razoáveis quanto as suas exigências e colocações diante de seus filhos. Para então, a partir disso haver a quebra dessas sanções psicológicas que impedem este adolescente de se ver como é, para que enfim, se estabeleça uma identidade saudável e condizente as suas verdadeiras atitudes e condições.

Harris (2001) declara que grande parte dos conflitos entre os adolescentes e seus pais ocorre por dois principais fatores. O primeiro remete ao fato dos adolescentes terem internamente um *ego pai* muito, criador de casos, que é forçado a viver em um ambiente, no qual o *pai interno* é forçado pelos pais externos em suas ações, e o segundo envolve a condição de pais que mantém o antigo contrato *pai - criança* em sua relação, que lançam seus filhos as antigas represálias características da infância de uma condição de dependência e nenhuma autonomia.

Para Goulding & Goulding (1985) uma maneira bastante eficaz de dessensibilização de autocríticas está na troca de carícias positivas estabelecidas pela prática da Análise Transacional, por meio de grupos terapêuticos que após sua compreensão podem vir a se estender na vida cotidiana. Estimular a vivência de carícias positivas vem contribuir no intuito de saciar um pouco da “fome” de estímulos positivos que os adolescentes bombardeados pelas críticas, acusações constantes e postura de desaprovação quanto a sua conduta, entendida como referidas ao seu próprio eu, necessitam para acreditar no que há de positivo em si. O termo carícia positiva envolve atitudes acolhedoras como, toques físicos carinhosos, palavras gentis e gestos amigáveis.

Na realidade a grande problemática dos rótulos é que são estabelecidos em uma visão distorcida das capacidades do outro e em pré-julgamentos. E a forma de romper com esta ação desqualificadora está simplesmente em possibilitar ao outro, espaço para o exercício de sua espontaneidade e autenticidade, em que não haja, a ação de restringir por antecipação, mas, seja permitida a demonstração das capacidades de superação aos limites impostos por pré-julgamentos.

Ou seja, faz-se necessário um olhar mais sensibilizado que venha romper com tal postura julgadora, que proporcione uma ação mais empática, suave e facilitadora, em que o rotulador se reporte ao outro como sujeito em construção, procurando incentivá-lo em suas ações a superação, ao invés de manter julgamentos. Em que os autores dos rótulos tenham a compreensão de que sua vítima é nada mais do que um indivíduo em aprimoramento, sujeito a

erros e acertos, que pelo exercício destes virá a se aperfeiçoar. Contudo, para isso é necessária certa reflexão e revisão de conceitos pessoais e o reavivamento de alguns valores humanos.

O indivíduo, na sua relação com o ambiente social, interioriza o mundo como realidade concreta, subjetiva, na medida em que é pertinente ao indivíduo em questão, e que por sua vez se exterioriza em seus comportamentos. Esta interiorização-exteriorização obedece a uma dialética em que a percepção do mundo se faz de acordo com o que já foi interiorizado, e a exteriorização do sujeito no mundo se faz conforme sua percepção das coisas existentes. Assim, a capacidade de resposta do homem decorre de sua adaptação ao meio no qual ele se insere, sendo que as atividades tendem a se repetir quando os resultados são positivos para o indivíduo, fazendo com que estas atividades se tornem habituais. (LANE & CODD - org, 1985, p. 83).

E sob estes parâmetros fica entendido que a intervenção psicológica deve buscar proporcionar um ambiente seguro para que o cliente possa exercer seu “eu” e encorajar a autonomia e autenticidade dos jovens abatidos em sua identidade em função dos rótulos, para que estes se sintam fortes o suficientes para entenderem suas reais aptidões e determinarem uma identidade condizente a si e manterem-se firmes quanto a sua auto-compreensão adequada e esclarecida neste processo, sem hesitar diante de acusações rotuladoras. Assim, como deverá via instituições escolares fazer uso de ações que visem um olhar mais humanizado diante do outro e proporcionem relações mais saudáveis, sem a presença das coações emitidas pelos rótulos através da conscientização e mediação de pais, professores, alunos e todos que possam envolver-se no ambiente escolar.

6 CONCLUSÃO

Diante da presente pesquisa concluiu-se que a adolescência é de fato um período bastante complexo e não configura-se apenas pelo abandono dos aspectos infantis, mas, engloba variados elementos como: novas capacidades de reflexão, a aquisição de novos papéis sociais, transformações biológicas e emocionais, a apropriação de valores, a necessidade de pertencer com aceitação a grupos ou categorias, de investidas em autonomia para a inserção na vida adulta, e mais, corresponde ao momento crucial de definição da identidade.

Foi possível concluir também que a auto-compreensão dos jovens, não mais apoia-se, apenas, em elementos dos primeiros anos de vida, mas, faz uso dos novos componentes sociais, institucionais e das inter-relações cotidianas, para definir-se em termos de identidade, dos quais se destacam como agentes de base para a consolidação de uma identidade sadia ou não; as escolas (educadores, colegas e o corpo escolar), família (pais ou cuidadores), amigos e pessoas mais próximas que acompanhem esta etapa.

E que neste período do adolescer, os jovens fazem uma reavaliação da percepção que possuem de sua auto-imagem e a reestruturação dos modelos identificatórios que se mantiveram como referências de sua identidade infantil. Para a partir disso, vir a reformular sua identidade de acordo com suas novas necessidades e habilidades presentes, que virão a estabelecer sua compreensão de identidade como indivíduo, por meio da fusão de antigas conexões de elementos significativos do passado, com o conjunto de novos valores extraídos de suas inter-relações e novas maneiras de conduzir-se em suas ações cotidianas.

Quanto ao problema de pesquisa que buscou investigar quais as conseqüências emocionais que os rótulos surgidos na adolescência podem acarretar na construção da identidade e auto-imagem dos adolescentes, pode-se concluir que, a adolescência é o período em que o sujeito procura se reconfigurar, reorganizar e reforçar os alicerces de base da sua identidade, por intermédio de novos conceitos estabelecidos com renovadas percepções da realidade, de si e das circunstâncias atuais. E justamente em decorrência disso, torna-se emergente a reflexão de que a não aceitação ou meio desfavorável das relações cotidianas do adolescente que, neste caso se remete a ação rotuladora, tornam-se bastante nocivas ao desenvolvimento da identidade saudável no adolescer.

Isso porque, sua ação é sustentada pelo olhar que restringe, desmerece e enquadrado em um rótulo de conotação negativa baseado, em uma visão rígida e distorcida de suas

capacidades, que são desqualificadoras e poderão refletir na aquisição de uma identidade equivocada e incongruente as reais potencialidades do jovem em questão.

Ao passo que se tornou perceptível a conclusão de que os adolescentes são bastante vulneráveis a julgamentos nesta etapa de sua vida, por estarem exatamente em busca de referências do que pertence a si, partindo da opinião que os outros possuem deles. E se expostos a condições julgadoras incessantes, em que não haja espaço para a elaboração e ação de seus aspectos positivos, o adolescente pode ficar intensamente abalado e ter sua identidade fragmentada e atormentada pelos rótulos em consequência das “acusações” e reprovações que vão esgotando-o, por este ter que provar aos outros “quem ele é”, e depois de certo momento para ele mesmo, que não é o que dizem.

Também, tornou-se plausível a constatação de que, os jovens quando constantemente submetidos as aplicações rotuladoras neste período de transição, podem vir a “contaminar-se” pelos julgamentos dos outros e compreenderem-se como são julgados, em efeito a constante espera e reforço de que venham a agir de acordo com o olhar pré-estabelecido lançado sobre eles, empregado pelo rótulo. Pois é comum no processo de identificações os jovens tomarem para si, os conceitos que os outros destacam como sendo deles. E ainda o entendimento de que, estes se encontram no momento mais intenso de formação da sua identidade, e de identificações, pelo o qual, mais se além aos julgamentos dos outros para a elaboração da compreensão do que pertence a si, com base no que acreditam ser dados, indicativos de suas capacidades, subtraídos da compreensão daqueles que os “avaliam”.

Contudo, conclui-se também que os adolescentes podem transcender as expectativas e rótulos que os rebaixam a um nível desqualificador, quando tem acesso a uma oportunidade mínima de serem reconhecidos e se reconhecerem como verdadeiramente são, para recuperar sua auto-estima e até mesmo compreensão de si. E que principalmente a escola e a família pode ser bastante determinante nesse processo de construção de identidade e apreensão da auto-imagem do adolescente, tanto no sentido positivo quanto negativo.

Portanto, a intervenção psicológica tanto no âmbito escolar, como via atendimento clínico, vem a ser uma forte aliada na amenização dos efeitos rotuladores e serve como facilitadora, no que se refere à desmistificação do sentido que o rótulo vem a apregoar em suas vítimas. E esta poderá, sobretudo, conduzir o cliente ao encontro de suas verdadeiras possibilidades de “ser” e “existir”, autenticamente em congruência com suas reais habilidades, que se encontravam, abatidas ou inacessíveis pela falta de espaço para sua expressão. De modo que, este jovem venha a se reconhecer e a fortalecer em seus conceitos de si e ter forças

para combater quaisquer circunstâncias que queiram fazê-lo render-se aos antigos papéis de fracasso e coação a sua verdadeira identidade.

Porém, ficou bastante evidente que se esta oportunidade de restabelecimento do abatimento emocional, psicológico e de fragmentação da identidade é banida do adolescente nesta etapa de construção dos conceitos de si, que cerne a identidade, e seu rótulo intensamente “alimentado” como parte dele, por aqueles que o cercam, que este jovem poderá acabar projetando-se de fato em tais julgamentos e incorporando-os à identidade, tornando-se “prisioneiro” deste molde ou até mesmo roteiro de vida, que o limita e impossibilita psicologicamente, de alcançar, ou melhor, usufruir de suas próprias ferramentas potencializadoras, que certamente o conduziriam ao alcance do seu “eu”, ou melhor, de uma identidade ajustada e congruente com suas habilidades, sentimentos e emoções reais.

Portanto, considera-se corroborada a premissa que postulava serem os rótulos criados na adolescência extremamente prejudiciais à formação da identidade do adolescente, pois isso afeta, de fato, a sua auto-imagem e auto-estima consideravelmente, ao ponto, de destituí-los das condições de ir ao encontro da sua verdadeira identidade.

E por fim, conclui-se que o objetivo principal proposto pela temática de instigar a análise da repercussão dos rótulos surgidos na adolescência e suas influências na construção da identidade e auto-imagem do adolescente, bem como, as maneiras que a psicologia pode contribuir na atenuação dos problemas gerados, pode ser alcançado.

Haja vista, que o presente trabalho abrange todas as etapas que envolvem as ações rotuladoras, suas fontes de aplicação, as conseqüências ao desenvolvimento da identidade e os elementos inculcados na construção da identidade no adolescente. Este elucida a caracterização da adolescência em si, o entendimento, de como os rótulos manifestam-se na adolescência, os problemas emocionais gerados no processo de rotulação, pontua as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes pela apropriação da percepção distorcida de si, quando acometidos por rótulos, ressalta a participação dos cuidadores e profissionais da educação quanto ao reforçamento intrínseco dos rótulos e no âmbito das relações do adolescente.

Assim como denota, o papel do psicólogo no sentido de intervenção, como mediador na desmistificação de rótulos via práticas escolares que proporcionem a reflexão da participação positiva e negativa dos cuidadores e profissionais da educação neste sentido. E o objetivo com que faz-se necessário intervir no espaço terapêutico, que é o de viabilizar o ambiente adequado não existente de reestruturação da identidade, para a vítima de rotulação poder adquirir condições suficientes para o combate aos rótulos e reivindicar sua verdadeira posição, no que se refere a própria identidade.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 1999. 368 p.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003. 432 p.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua**. São Paulo. FTD LISA, 1996, 703 p.

BURKE, Thomas Joseph. **O professor revolucionário: da pré-escola à universidade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 110 p.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998. 155 p.

CARVALHO, Alysson Massote; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília Marques. **Adolescência**. Belo Horizonte: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, 2003. 122 p.

CLAES, Michel. **Os problemas da adolescência**. São Paulo: Ed. Verbo, 1985. 193 p.

COSTA, Carmem R.; SOUZA, Iara E. R.; ROCANGLIO, Sonia Maria. **Momentos em Psicologia Escolar**. 2ª ed. Curitiba: ed Juruá, 2000. 122 p.

CREMA, Roberto. **Análise transacional centrada na pessoa e mais além**. 2. ed São Paulo: Ágora, 1985. 308 p.

ELIAS, J. Maurice, TOBIAS, E. Steven, FRIEDLANDER. **A adolescência e a inteligência emocional: como criar filhos com amor, bom humor e firmeza**. Rio de Janeiro.ed objetiva.2001. 263p

ERIKSON, Erik H. **Identidade juventude e crise**. Rio de Janeiro.ed Guanabara 1987. 322 p.

FENWIK, Elizabeth; SMITH, Tony. **Adolescência: guia de sobrevivência para pais & adolescentes**. São Paulo: Ed. Ática, 1996. 286 p.

FOLLMAMM, J.Ivo. Identidade Como Conceito. **Ciências Sociais UNISINOS**, São Leopoldo, nº 158,v 37, 43 – 6, 1º semestre/ 2001.

GAIARSA, Ângelo, José. **Agressão, Violência e Crueldade**. São Paulo. ed. Gente, 1993, p172.

GOMES, Jenifer Medeiros, **As Configurações Do Fenômeno *Bullying* E Suas Implicações Psicológicas, Trabalho de Conclusão de Curso –UNESC**. 2007, 41 p.

GOULDING, Mcclure. Mary; GOULDING, Robert. R. **Ajuda-te pela análise transacional**. São Paulo: IBRASA,1985, 301 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

HARRIS, Thomas Anthony. **Eu estou ok você está ok: um guia prático para sua auto-análise**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 268 p.

LACERDA, Catarina Augusta de Oliveira Pasin de; LACERDA, Milton Paulo de. **Adolescência: problema, mito ou desafio**. Petrópolis, Rio de Janeiro, ed. Vozes, 1998. 170 p.

LANE, M.T.Silvia; CODO,wanderley (org). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo. ed. brasiliense, 1985. 220 p.

LEVISKTY, David. Léo (org), **Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira**, São Paulo, casa do psicólogo, 2000. 143p.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Adolescência e provação a auto-estima no adolescente** . 2 ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1977. 179 p

MUSZKAT, Malvina. **Consciência e identidade**. São Paulo: Ed. Ática, 1986. 72 p.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia escolar**. 2 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1972. 357 p.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescência hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992. 103 p.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento humano**. 7.ed Porto Alegre: Artmed, 2000. 684 p.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 888 p.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. São Paulo, ed EPU, 1983. 156 p.

_____. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 489 p.

_____. **Psicoterapia e relações humanas** teoria e prática da terapia não-diretiva. Belo Horizonte, ed Interlivros, 1975. 235 p.

ROSA, Merval. **Psicologia Evolutiva**. Vol. 1,2,3,4. Petrópolis: Vozes, 1985. 143 p.

LEPRE, Rita Melissa. **Adolescência e construção da identidade**. Disponível em - <http://www.adolescenza.org/lepre1.pdf> Acessado: dia 04/05/08

SANTOS, Antônio Monteiro dos; ROGERS, Carl. R; BOWER, M^a Constança Villa –Boas. **Quando fala o coração** a essência da psicoterapia centrada na pessoa. Porto Alegre. ed Artmed, 1987.112 p.

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews. **Psicologia do adolescente**: uma abordagem desenvolvimentista. 3. ed Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 748 p.

TARDELI, Denise D' Area. **PSIQUE**: Ciência & vida, São Paulo, ano II, nº 23, p 38 -45, nov/ 2007

TIBA, Içami. **Adolescente**: quem ama, educa! São Paulo: Integrare, 2005. 301 p.

WOOLAMS, Stan; BROWN, Michael. **Manual Completo de Análise Transacional**. São Paulo, ed CULTRIX, 1979. 256 p.

ZAGURY, Tania. **Educar sem culpa**: a gênese da ética. 18.ed Rio de Janeiro: Record, 2002. 220 p.

_____. **O adolescente por ele mesmo**: orientação para pais e educadores: como o jovem brasileiro vê a família, a escola, o lazer, a política, a profissão, o sexo, as drogas e a religião. 7 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996. 277 p.

ZEK CER; Israel. **Adolescente Também é Gente**. São Paulo: Summus ed., 1985. 255 p.